

Níveis de Desenvolvimento da Consciência

I. Título	2
II. Autor	2
III. Objetivos	2
III.1 Objetivo primário	2
III.2 Objetivo secundário	2
IV . Metodologia	3
IV. 1 Introdução:a gênese do problema a ser investigado	3
IV. 2 Platão	5
IV.3 Plotino	7
IV. 4 Hegel	9
IV. 5 Wilber	11
IV.6 As questões	18
IV. 7 Primeira etapa da pesquisa	21
V. Cronograma	23
VI. Bibliografia	24
VI. 1 Platão	24
VI.2 Plotino	27
VI. 3 Hegel	31
VI. 4 Wilber	37

I. Título: Níveis de Desenvolvimento da Consciência

II. Autor: Leonardo Alves Vieira

III. Objetivos

III. 1 Objetivo primário

A meta primordial consiste em investigar, do ponto de vista filosófico, os níveis de consciência, desde o seu início no patamar mais elementar, passando pelos estágios intermediários, até atingir a sua estação última e mais desenvolvida. A intenção, portanto, é determinar a quantidade e qualidade desses níveis, tal como elas são abordadas nos filósofos escolhidos para o estudo dessa questão: Platão (427-347 a. C.), Plotino (204-270), Hegel (1770-1831) e Wilber (1949-).

III. 2 Objetivo secundário

O estudo da qualidade e quantidade dos níveis de consciência estará associado aos seus aspectos ontológicos, antropológicos, axiológicos e gnosiológicos. Caberá ao desenvolvimento desse projeto de pesquisa aqui apresentado determinar, tanto em cada nível como também ao longo dos níveis de consciência identificados, os problemas relativos aos aspectos supramencionados, tendo em vista verificar as eventuais contribuições do estudo sobre os níveis de consciência para a ontologia, antropologia filosófica, moral e epistemologia.

O projeto ora proposto pretende desenvolver, em uma primeira etapa, o estudo dos problemas acima mencionados através do confronto entre a Fenomenologia do Espírito de Hegel e as Enéadas de Plotino.

IV. Metodologia

IV.1 Introdução: a gênese do problema a ser investigado

A tradição da filosofia perennis ou da “grande cadeia do ser”¹, partilhada por filosofias e religiões tanto orientais quanto ocidentais, após, por assim dizer, um grande período de hibernação, provocado pela vaga empírico-materialista tornada bastante volumosa a partir do século XVIII, começa a ressurgir das cinzas, agora sob a forma do Projeto da Consciência Humana (PCH), contraparte consciencial do Projeto do Genoma Humano (PGH). Aquele projeto “envolve centenas de pesquisadores de todas as partes do mundo, envolve uma série de abordagens multidisciplinares, multiculturais e polimodais, as quais, em conjunto, prometem um mapeamento exaustivo do inteiro espectro da consciência, a seqüência inteira dos “genes” da consciência”². O projeto de pesquisa que ora apresento pretende refletir sobre as questões filosóficas envolvidas no Projeto da Consciência Humana, visto que a própria história da filosofia ocidental, mesmo que a pesquisa ora apresentada se limite a apenas alguns dos seus momentos, é testemunha de correntes filosóficas que abraçaram as versões anteriores do Projeto da Consciência Humana.

Minha trajetória intelectual levou-me gradativamente ao estudo dos níveis de consciência. Após a conclusão do doutorado, que teve como objeto a Filosofia do Direito de Hegel e sua coordenação com a Ciência da Lógica (*Freiheit als Kultus. Aporien und Grenzen der Auffassung der menschlichen Freiheit bei Hegel* (Liberdade enquanto culto. Aporias e limites da concepção hegeliana da liberdade). Würzburg, Königshausen & Neumann, 1996), direcionei minha pesquisa ao estudo de questões éticas, já que elas constituíam então o cerne dos problemas com os quais me ocupava. Publicações deste período foram as seguintes:

1) *A herança kantiana da concepção hegeliana do Direito e da Moral*. In: *Síntese Nova Fase*, v. 24, n. 77, Belo Horizonte, pp. 163-179, 1997;

¹ Lovejoy, A. *The great chain of being*. Cambridge: 1964.

² Wilber, K. The eye of spirit, p. 445-446. In: *The collected Works of Ken Wilber*. Boston: 1998s.

2) *Direito e Justiça em Kant e Schelling: uma controvérsia paradigmática*. In: *Anais do Simpósio Internacional sobre a Justiça*. Florianópolis, Insular, 1998, pp. 175-196.

3) *Coerção em Kant e Schelling: fundamentação e consequência*. In: *Veritas*, v. 43, no. 4 (Simpósio Internacional sobre Dialética), Porto Alegre, pp. 843- 871, 1998.

Uma segunda fase iniciou-se com a investigação dos textos do jovem Schelling (1794-1796). Nesse período chamou-me a atenção as análises de Schelling em torno da filosofia de Kant, visto que aquele identificava neste algumas teses que ocultavam pressupostos capazes de explicar as próprias conclusões alcançadas pelo filósofo de Königsberg. As publicações desse período testemunham os frutos obtidos pela pesquisa:

1) Filosofia prática e Incondicionado. In: *Síntese Nova Fase*, v. 26, n. 84, Belo Horizonte, pp. 13-30, 1999.

2) Substância e subjetividade. Duas formas de reconciliação. In: *Síntese Nova Fase*, v. 26, n. 84, pp. 33-57, 2000.

3) Liberdade, dialética e intuição intelectual. In: Brito, E. e Chang, L. (Orgs.). *Filosofia e método*. Loyola, São Paulo, 2002, pp. 19-62.

4) Filosofia e Absoluto no jovem Schelling. In: Oliveira, M. e Almeida, C. (Org.). *O Deus dos filósofos modernos*. Vozes, Petrópolis, 2002, pp.223-239.

5) O início do sistema de filosofia de Schelling. In: Domingues, I., Margutti, P. e Duarte, R. (Orgs.). *Ética, política e cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002, pp. 211-228.

O estudo dos problemas abordados nos textos acima listados revelou-me a importância das pesquisas acerca dos níveis de consciência e seus elementos correlatos: ontologia, antropologia, axiologia e gnosiologia, pois neles já se mostrava a gradação dos níveis de consciência representados pelo 1) eu empírico, 2) eu transcendental e 3) Eu absoluto. Paralelamente ao estudo dos textos do jovem Schelling, trabalhava também na obra do pensador norte-americano contemporâneo, K. Wilber (1949-), cujo propósito é a eventual fecundidade teórica da filosofia perennis diante das complexas questões do mundo hodierno.

A convergência desses trabalhos levou-me, pois, ao projeto de pesquisa que passo agora a detalhar.

As filosofias que lidam com “a grande cadeia do ser” formam uma longa tradição que já dura aproximadamente 2600 anos, se levarmos em consideração apenas a filosofia ocidental³. Em virtude disso, é impossível abordá-las em sua completude nesse projeto. Com efeito, a análise da integralidade dessas correntes filosóficas pode bem ser uma meta a ser atingida a longo prazo. A curto e médio prazos, no entanto, quero concentrar-me, primeiramente, naqueles pensadores que venho estudando mais assiduamente nos últimos anos: Platão (427-347), Plotino (204-270), Hegel (1831) e Wilber (1949-).

IV. 2 Platão

Platão pode ser considerado como o primeiro filósofo no Ocidente a ter explicitado detalhadamente os níveis de consciência em sua famosa parábola da linha do saber (República, 509 c – 511 e)⁴, na qual a alma tanto mais ingressa nos níveis superiores do ser quanto mais ela se aprofunda no conhecimento de si mesma. A linha do saber coordena os planos multidimensionais do ser com as pluridimensionais faculdades da alma, de tal forma que essa articulação, levada a cabo pela matemática, nos oferece o objeto de nossa investigação.

Em primeiro lugar, a alma faz a experiência das deficiências do mundo sensível, o mundo da opinião (dóxa). Esse mundo tem, por assim dizer, dois andares. No primeiro, a alma aprende relacionar a imagem (eikasía) com os objetos objetivamente percebidos. No segundo, que representa um saber superior ao anterior, a alma é portadora de uma convicção ou crença (pístis), simultaneamente formadora dos e formada pelos fenômenos. Ambos planos cognitivos e, também inevitavelmente, seus respectivos objetos devem ser abandonados, uma vez que, em primeiro lugar, toda a esfera da dóxa é dependente das esferas ideais superiores. Em segundo lugar, justamente em razão dessa dependência, os planos cognitivos do mundo sensível esbarram em problemas cuja solução, todavia, exige a transcendência da eikasía e da pístis. Essa é a razão pela qual Sócrates realiza a “segunda navegação” (a passagem para o plano do inteligível), deixando para trás toda o mundo da dóxa, o “mar” da primeira navegação⁵.

³ Plotino data o seu início com Parmênides; v. *Enéadas*, V 1, 8-9.

⁴ V. tb. Gaiser, K. *Platons Ungeschriebene Lehre. Studien zur systematishchen und geschichtlichen Begründung der Wissenschaften in der Platonischen Schule*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1998. 91s.

⁵ Platão, Fédon, 95e – 102a.

O plano suprasensível possui também, por assim dizer, dois andares. Imediatamente acima dos fenômenos e sua contraparte subjetiva, a convicção ou crença, encontram-se os objetos matemáticos e a ciência que lida com eles: o saber dianoético (diánoia), o qual desempenha o papel de mediação entre o mundo da dóxa e o mundo das idéias. A ciência dianoética, porém, não está em condições de dar as razões (lógon didónai) de seus últimos pressupostos, visto que eles têm sua fundamentação em um plano cognitivo superior, a saber, o noético. Este inclui em si o campo das Idéias e da Idéia do Bem. Nessa Idéia a alma alcança a estação suprema de sua viagem, pois a Idéia do Bem não carece de um outro princípio capaz de explicá-la, sendo ela mesma, enquanto incondicionado, o elemento intrascendível.

Resumidamente, a correspondência entre os planos do ser e do conhecer podem ser assim apresentados:

Planos do ser e acima do ser / Planos do conhecer

Mundo Inteligível Ciência (epistême)	a) Idéias e Idéia do Bem (=Uno)	Conhecimento noético ou inteleccção (nóesis)
	b) Objetos matemáticos	Conhecimento dianoético ou mediano (diánoia)
Mundo Sensível Opinião (dóxa)	c) Fenômenos	Crença (pístis)
	d) Imagens sensíveis	Imaginação (eikasía)

IV.3 Plotino

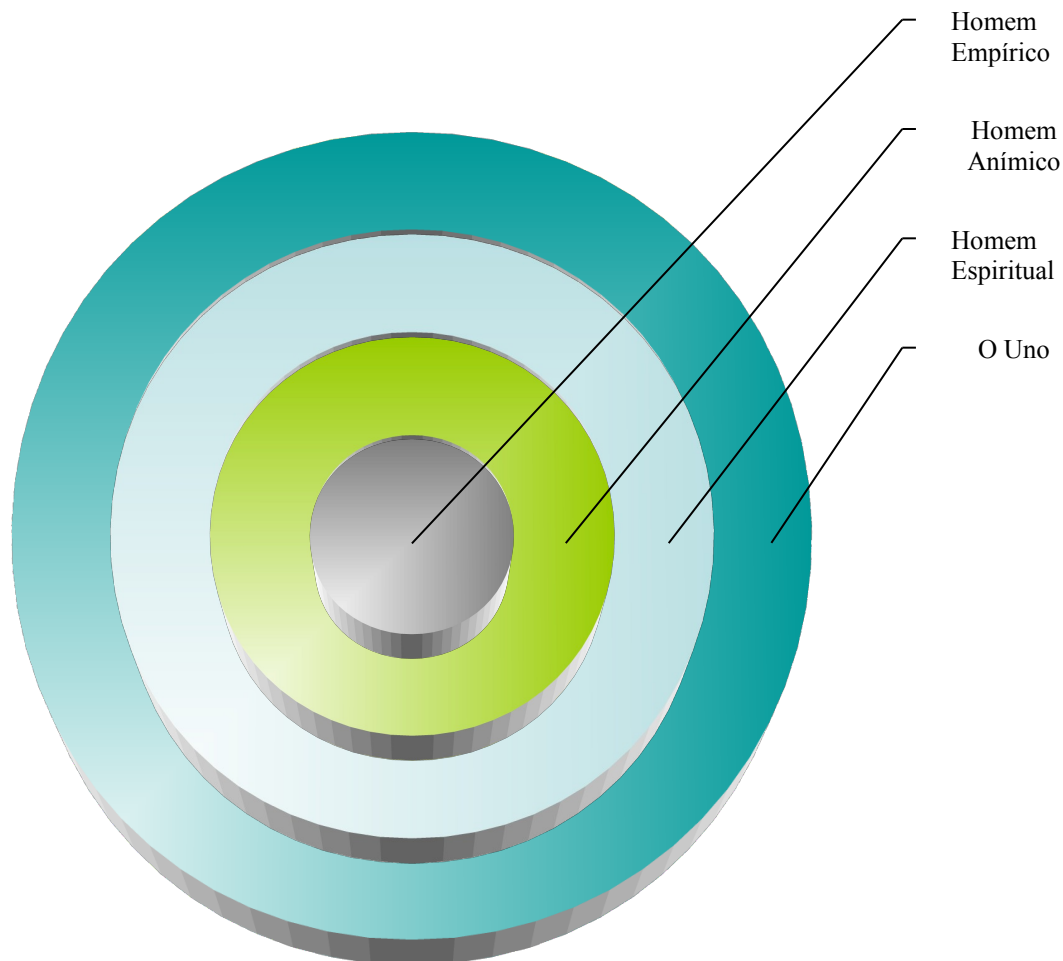
Plotino, por sua vez, seguindo a tradição platônica, fala de três homens (*anthropoi*) (VI 7, 6, 11-18): “o homem que se encontra no espírito e existe antes de todos os homens”. Este é, portanto, o primeiro homem que vive em contato direto com as Idéias e as Formas. O segundo homem é o homem enquanto alma, alma, o meio-termo entre o primeiro homem e o terceiro. Esse é o homem enquanto corpo, o homem corpóreo ou empírico, “de carne e osso”, o homem em sua materialidade físico-biológica⁶.

A fim de evitar mal-entendidos, é necessário ressaltar que não se trata de três homens, propriamente falando, mas de um único homem que se realiza nos três planos do espírito, da alma e do mundo empírico. Além disso, deve ser ainda sublinhado que eles não são três partes ou componentes acoplados ou agregados um ao outro de forma externa, mas potencialidades de atuação de um mesmo Eu, adaptadas ao plano em que essas potencialidades têm a sua própria atualização e desenvolvimento. Assim, por exemplo, a vida espiritual do primeiro homem é a realidade, tal como constituída pela subjetividade inteligente e a objetividade inteligível, pelo pensador espiritual e pelo objeto pensado espiritual, pelo Espírito e pelas Idéias. Trata-se de uma realidade alcançável, na medida em que o homem eleva-se para além de suas potencialidade como homem anímico e homem corpóreo, a fim de vivenciar a si mesmo como unidade entre o puro pensar e o puro pensado.

Como dito acima, o homem-alma ou simplesmente alma ocupa uma posição intermediária na antropologia plotiniana, que também implica uma ontologia, uma gnosiologia e uma axiologia. Em razão disso, à alma é possível mergulhar no mundo empírico e esquecer-se do Espírito ou elevar-se ao mundo do Espírito e deixar-se penetrar por seu esplendor. Enquanto o olhar do homem dirigir-se exclusivamente ao chão do mundo sensível, o poder do homem espiritual, poder este disponível à alma, não poderá afirmar-se. Apenas a atualização de sua mais radical potencialidade facultará à alma fazer a experiência da união com o Uno.

Os três planos de desenvolvimento do homem, segundo Plotino, podem ser assim apresentados:

⁶ V. tb. auch Hadot, P. *Plotin ou la simplicité du regard*. Paris: Gallimard, 1997. 25-44.



A questão acerca dos planos do ser e do conhecer em Platão relativamente à unidade e multiplicidade do homem e seus respectivos planos de atuação em Plotino permanece como um ponto a ser investigado. Afinal: a tese de Plotino apresenta algo novo em relação a Platão ou é somente uma repetição de sua posição? Qual a eventual correspondência entre as atividades cognitivas da alma em Platão e os três tipos de ser humano em Plotino? Quais as conseqüências dessa correspondência para a ontologia, antropologia, gnosologia e axiologia?

IV.4 Hegel

O homem empírico de Plotino pode ter uma certa semelhança com a certeza sensível da Fenomenologia do Espírito de Hegel. A série de figuras da consciência e, especialmente, a última estação dessas figuras são, todavia, bastante diferentes. Se considerarmos o último capítulo da Fenomenologia do Espírito, o saber absoluto, no qual Hegel resumidamente expõe todo o movimento da consciência, perceberemos dois membros de um único e mesmo movimento convergindo para o mesmo resultado. Isto constitui o que Hegel denomina “a reconciliação da consciência com a consciência de si”⁷.

Um membro do movimento (o da consciência de si) começa com o capítulo “consciência”, passando pela “consciência de si”, avança até o capítulo intitulado “razão” e termina, finalmente, no capítulo “espírito”. O final deste movimento parcial assinala o espírito que é e permanece em si mesmo, apesar de ter passado pela alteridade. Ele significa a auto-afirmação do espírito, a certeza que ele tem de si próprio; ou ainda: ele tem a forma correta, mas lhe falta o conteúdo, já que ele é a autoderterminação vazia, a subjetividade em seu puro poder autotético. A figura da bela alma, enquanto uma das figuras da consciência, ilustra a “consciência da vacuidade”.

Outro membro do movimento (o da consciência) inclui o transcurso do movimento da consciência no capítulo “religião”: a religião natural, a religião da arte e a religião revelada. Este movimento parcial resulta no espírito que tem o conteúdo absoluto, religiosamente apresentado como Deus. Em oposição ao movimento do espírito certo de si mesmo, o espírito religioso não é privado de conteúdo e expressa a plena manifestação material do Absoluto. A deficiência desse movimento consiste em representar o Absoluto como exterioridade, como alteridade absolutamente outra em relação à consciência.

Se o primeiro movimento, portanto, tinha sua excelência na forma, mas falhava no conteúdo, o segundo, por sua vez, prima pelo conteúdo, mas é deficitário na forma. O saber absoluto consiste, pois, na união (*Vereinigung*) da forma e conteúdo corretos: “ nela (*união, Vereinigung*) o espírito chega a conhecer a si mesmo, não apenas como ele é *em si* ou segundo seu *conteúdo* absoluto, nem apenas como ele é *para si*, segundo sua forma privada

⁷ Hegel. *Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1996. 579; u.Vieira, L. *Freiheit als Kultus. Aporien und Grenzen der menschlichen Freiheit bei Hegel*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1996. 64s.

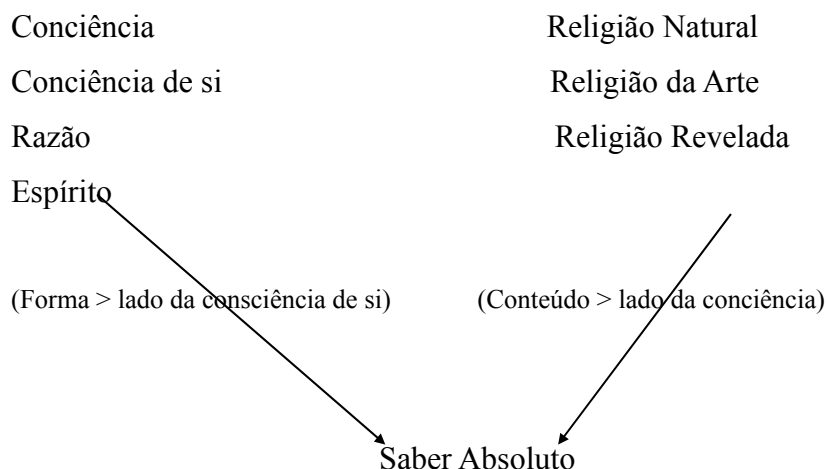
de conteúdo ou de acordo com o lado da consciência de si, mas como ele é *em si e para si*”⁸.

De acordo com o anúncio feito pelo próprio Hegel no *Jenaer Allgemeine Literatur-Zeitung*, vinte e oito de outubro de 1807, ao apresentar a *Fenomenologia do Espírito*, as figuras do espírito mostram-se, *prima facie*, como um caos que parece subtrair-se a toda e qualquer ordem. A intenção da *Fenomenologia*, ao contrário, consiste em demonstrar a conexão necessária entre as figuras, de tal forma que “as figuras imperfeitas se dissolvem e passam às superiores, que são sua mais próxima verdade”⁹. Assim sendo, essas figuras formam uma hierarquia, de acordo com a qual as manifestações da consciência podem ser identificadas relativamente ao nível de desenvolvimento por ela alcançado. Característica dessa organização hierárquica reside no fato de que ela está presente tanto no lado conteúdo, o da consciência, quanto no lado da forma, o da consciência de si. Ambos lados convergem para o mesmo ponto: o saber absoluto. Aqui é identificável uma ordenação do movimento da consciência diferente do que se encontra em Platão e Plotino. Além disso, a inclusão da história no percurso fenomenológico da consciência é, sem dúvida, uma grande vantagem no estudo do espectro da consciência. A consideração do elemento histórico não parece claramente evidenciado, se é que alguma vez aparece, nas investigações empreendidas por Platão e Plotino.

Com base no que foi visto acima, a exposição da consciência em sua manifestação pode ser esquematicamente assim apresentada:

⁸ Hegel. *Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1996. 579.

⁹ Hegel. *Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1996. 593.



IV. 5 Wilber

Tendo a vantagem de poder lançar um olhar retrospectivo à *philosophia perennis* e, ao mesmo tempo, poder confrontar-se com a crítica a ela dirigida, Wilber empreende a pesquisa sobre os níveis de desenvolvimento da consciência, levando em conta a constelação teórica moderna e pós-moderna. Seu propósito consiste em formular uma teoria integral capaz não só de reconstruir as etapas da evolução consciencial, mas também coordená-las com os âmbitos da cultura, organização social, política e tecnológica. Daí resulta sua teoria dos quatro quadrantes e dos níveis de desenvolvimento em cada um desses quadrantes.

1) O quadrante superior esquerdo diz respeito aos “aspectos individuais e interiores da consciência humana (mas não só da humana), tal como ela é estudada pela psicologia do desenvolvimento, tanto em suas formas de manifestação convencionais como também contemplativas¹⁰”. Ele contém todo o espectro do desenvolvimento consciencial e refere-se à primeira pessoa do singular, porque ele relata e interpreta as vivências internas de cada indivíduo.

2) O quadrante superior direito expressa a contraparte objetiva e externa ao quadrante superior esquerdo. Trata-se da base atômica, molecular, orgânica, biológica e corpórea, enfim, objetiva com a qual a experiência intencional da consciência interage. A linguagem correspondente a esse quadrante relata os fatos científicos do organismo individual.

3) Wilber também não negligenciou a passagem do “eu” para o “nós”, também

¹⁰ V. website: the world of ken Wilber/german section: <http://www.worldofkenwilber.com>.

levada em consideração por Hegel na abordagem da experiência fenomenológica da consciência. O quadrante inferior esquerdo tematiza a pluralidade dos sujeitos, o mundo dos valores, as visões de mundo, o ethos compartilhado pelos indivíduos, a esfera subjetivo-coletiva. O “eu” coletivo vivencia também uma evolução que expressa a contraparte intersubjetiva do desenvolvimento da consciência individual.

4) Finalmente, o quadrante inferior direito corresponde, na esfera coletiva e objetiva, ao quadrante inferior esquerdo, assim como o quadrante superior direito corresponde ao quadrante superior esquerdo. A vivência cultural da humanidade não está obviamente dissociada de sua base social, institucional e tecnológica¹¹. Esse quadrante tem por meta refletir sobre a evolução das várias formas de organização social, institucional e tecnológica construídas pela humanidade ao longo de sua história.

Esquemáticamente, esta poderia ser uma representação dos quatro quadrantes¹²:



Não pretendo fazer um estudo dos quatro quadrantes. Meu propósito limita-se ao estudo do quadrante superior esquerdo, pois ele se enquadra no objetivo da pesquisa acima enunciado, embora a vinculação entre os quadrantes seja inegável. Essa vinculação, no entanto, nos colocaria questões que extrapolariam em muito as metas propostas para a

¹¹ V. Wilber, *Integral Psychology*, 494. In: Wilber, K. *The collected works of Ken Wilber*. Shambhala: Boston, 1998s.

¹²V. website: the world of ken Wilber/portuguese section: <http://www.worldofkenwilber.com>

pesquisa. Objeto de estudo será, portanto, o quadrante superior esquerdo, ou seja, as etapas do desenvolvimento consciencial em sua faceta interior-individual.

O primeiro nível é o do eu físico, o qual, primeiramente, encontra-se em unidade indiferenciada com o meio-ambiente material. Esse tipo de eu ainda não está em condições de se distinguir do meio-ambiente material, instaurando uma relação diferenciada com ele, bem como não sabe ainda separar-se de um outro eu. O momento final dessa etapa sinaliza, entretanto, a saída da unidade indiferenciada, de tal forma que o eu físico começa gradativamente a afirmar-se diante da realidade objetiva. Isto lhe permite, então, separar-se do outro subjetivo ou objetivo a fim de poder lidar com ele, sem sentir-se perdido e, por assim dizer, “totalmente atolado” no outro¹³.

Se, no entanto, uma primeira dissociação tem lugar, então o eu se vê diante de uma outra tarefa, a saber, construir seu mundo emocional. À primeira dissociação tem de seguir uma segunda, a fim de que a consciência possa afirmar seus sentimentos frente a outros objetos e outros seres humanos, ao invés de confundir seus sentimentos com sentimentos alheios.

Assim como ocorreu anteriormente uma diferenciação na fisioesfera, o mundo do eu físico, assim também há uma diferenciação na bioesfera, o mundo do eu emocional. Em ambos mundos, o eu transcende, de um lado, a sua completa assimilação pelo outro, sem, no entanto, eliminá-lo. Se o outro fosse totalmente negado, então o eu se relacionaria apenas consigo mesmo. Se o eu fosse totalmente assimilado, então não haveria uma subjetividade relativamente independente. A afirmação físico-impulsiva e biológico-emocional do eu pressupõe a relação entre sujeito e objeto e a entre sujeito e um outro sujeito, nas quais sujeitos e objetos mantenham suas respectivas posições, sem que um seja reduzido ao outro. A deficiência, a qual consiste em tanto não saber distinguir os elementos existentes nessas relações quanto em não saber interligá-los em sua múltipla unidade ou multiplicidade una, conduz a patologias¹⁴.

No terceiro nível de seu desenvolvimento o eu encontra um outro desafio, a saber,

¹³ O período de tempo necessário para que o indivíduo percorra todas as etapas de sua evolução e a completa não será considerado no resumo que ora apresento. Para maiores detalhes v. Wilber, *Sex, ecology and spirituality: the spirit of evolution*, 218ff. In: Wilber, K. *The collected works of Ken Wilber*. Shambhala: Boston, 1998s.

¹⁴ Patologias podem acontecer em todos os níveis da evolução do eu. Neste contexto, contudo, não as investigarei. V. Wilber, *Integral psychology*, 627; *Sex, ecology and spirituality: the spirit of evolution*, 218ss. In: Wilber, K. *The collected works of Ken Wilber*. Shambhala: Boston, 1998s.

avançando para além da biosfera e, simultaneamente, conservando-a, ele estabelece-se em sua faculdade mental, a nooesfera. No mundo mental a linguagem desempenha um papel muito importante, pois ela capacita o eu a distanciar-se da imediatez das pulsões e emoções e, com isso, controlá-las e, em casos mais graves, reprimi-las. A consciência está, portanto, em condições de se separar delas, mas também de integrá-las.

A diferença entre corpo e nooesfera é apenas o início de um movimento no qual a consciência individual progride em direção ao mundo coletivo e social. Graças ao incipiente domínio da linguagem o eu pode tomar sobre si uma virtude fundamental para a convivência social e, portanto, distanciar-se de um mundo centrado exclusivamente no eu. Trata-se do fato de colocar-se no lugar do outro, desempenhar o papel do outro, entender e praticar o intercâmbio de papéis.

Em virtude disto, começa a quarta etapa da evolução da consciência: a consciência e as vivências de seus papéis. A identidade concentrada no corpo, em suas pulsões, emoções e desejos, portanto, centrada na natureza é substituída pela identidade relacionada com o intercâmbio de papéis. O indivíduo que se encontra nessa fase aprende tanto a representar seu próprio papel quanto a distingui-lo dos papéis de outros seres humanos. Ao eu que alcançou essa etapa de sua evolução surge a esfera social, na qual sua identidade determinada por normas e leis de seu contexto está entrelaçada e interligada com as identidades de outros sujeitos. A consciência individual permanece ainda, por assim dizer, fundida ao ethos coletivo, de tal forma que ela assume uma identidade e um papel atribuídos pelo eu coletivo, o “nós”. Isto caracteriza o nível convencional de moralidade, segundo o qual o eu se adapta ao padrão de valores conjuntamente vivenciados em uma determinada sociedade. Trata-se de internalizar leis, prescrições e normas, mediante as quais ele faz o que ele deve fazer.

Na próxima (quinta) fase de desenvolvimento as leis e normas que até então regiam as vivências da consciência são questionadas. Não se trata mais de saber o que é bom para minha família, o grupo social ou o povo, aos quais alguém está ligado. Antes de mais nada, trata-se de determinar o que é justo para todos os povos, apesar e levando em conta as suas diferenças. A identidade da consciência centrada em um círculo social acanhado é abandonada em favor de uma identidade focada em todo o planeta. Um horizonte de novas possibilidades é aberto, na medida em que a totalidade das normas e leis está em questão e

torna-se problemática. Assim, pela primeira vez, surgiu um nível de consciência no qual ela, liberta do seu narcisismo, egocentrismo e etnocentrismo, toma como seu próprio interesse o mundo como tal, justiça e condições materiais de vida dignas para todos. Com isso, um moralidade pós-convencional surgiu, graças a qual o indivíduo se orienta pelo bem-estar da humanidade.

Na sexta estação, que aprofunda ainda mais a integração entre corpo e faculdade mental, o eu inicia a objetivação do corpo e da faculdade mental, a sua tematização, bem como o progressivo distanciamento do corpo e da mente. Ela é denominada a estação da lógica sistêmica, visto que ela considera os objetos como um todo formado por uma multiplicidade de sistemas, dentro do qual e em relação a outras totalidades os objetos ganham sentido. Na medida em que a consciência torna-se testemunha do corpo e da faculdade mental, também sua faculdade reflexiva torna-se mais ativa, de tal forma que ela começa a transcender corpo e nooesfera. Esse eu pode ser qualificado como eu sistêmico. Em termos de filosofia hegeliana, o eu sistêmico equivale à razão (Vernunft) em oposição ao entendimento (Verstand).

Isto acarreta o aprofundamento do ponto de vista pós-convencional, de tal modo que as posições com base em normas e leis de determinada sociedade não encontram mais legitimação para ele. Há, pois, um grande risco de que o eu sistêmico perca-se nas múltiplas perspectivas que lhe são abertas, afundando-se em um completo relativismo. A pluralidade das perspectivas não significa, contudo, que todas são igualmente corretas, já que valores orientados segundo uma perspectiva global são melhores do que aqueles orientados de acordo com uma perspectiva centrada apenas no indivíduo ou em apenas um povo. Aqui, portanto, reside o perigo de uma “doença existencial”, em que a consciência, insatisfeita com todas as razões capazes de dar sentido à vida, não consegue mais coordenar as diversas perspectivas.

A superação dessa dificuldade é viabilizada pela passagem do eu à próxima (sétima) estação de sua evolução: o nível psíquico de desenvolvimento. Essa nova estação é aquela em que a identidade da consciência não repousa mais na união com o próprio eu, a sociedade ou o planeta. O novum nessa estação reside no fato de que a consciência se sente una com todos os seres, humanos e não-humanos, com toda a natureza cósmica interpretada como manifestação do Absoluto. O eu transcende as limitações de seu geocentrismo, a fim

de considerar o cosmo como uma comunidade formando uma só irmandade. Todos os seres são penetrados pela supra-alma, a qual, como uma luz, irradia-se através dele. A consciência individual, ao participar da vida dessa supra-alma, mostra-se como superando todas suas identificações.

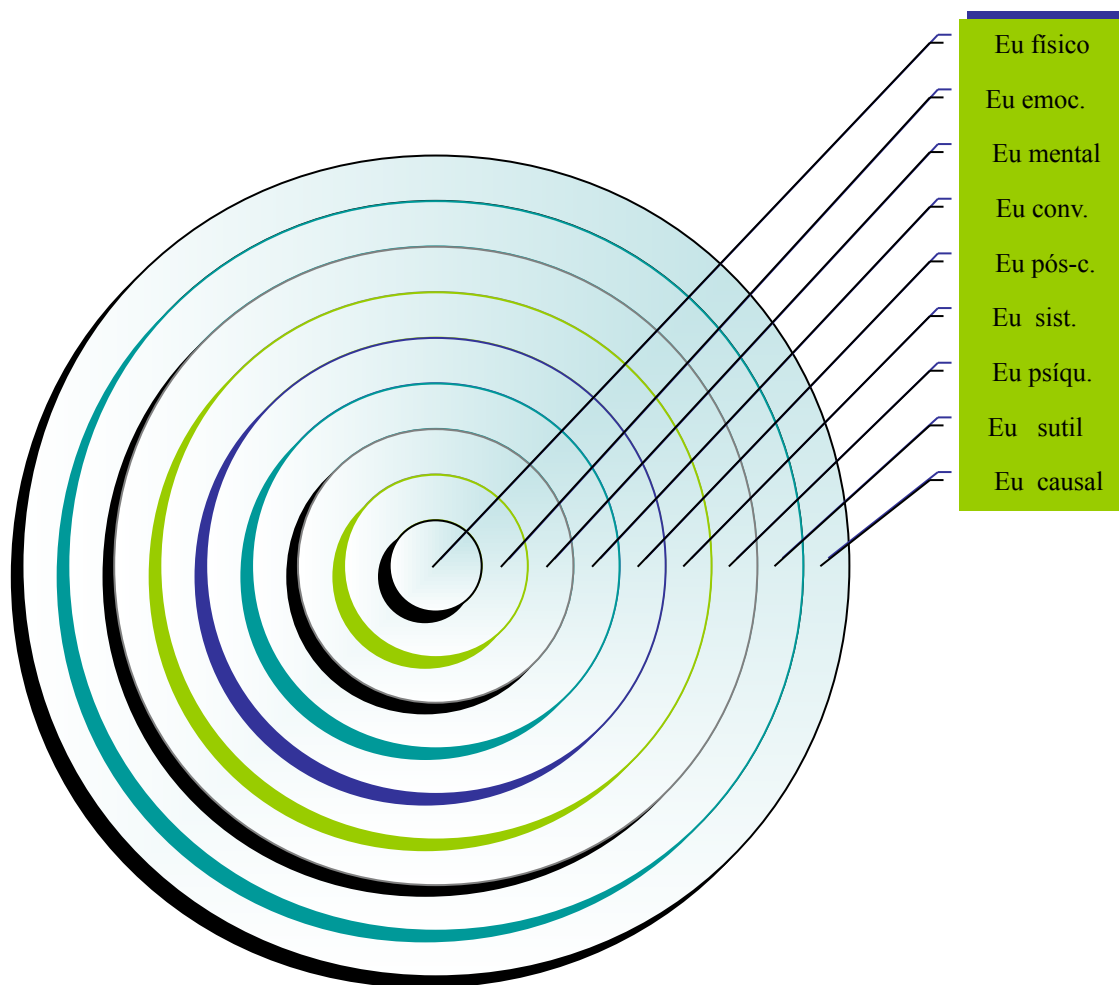
À supra-alma está associado um novo tipo de moralidade, a saber, a compaixão com todos seres. A compaixão não é uma coação para a ação, mas uma ação espontânea e gratuita. Ao levar a cabo a integração da fisioesfera, bioesfera e nooesfera, o nível psíquico leva a efeito a experiência consciencial supramental da unidade dessas três esferas. Não é por acaso que esse nível tanto transcende quanto inclui a última estação.

A oitava estação da evolução consciencial é a internalização e refinamento das aquisições da última etapa. E justamente em virtude disto provem a dificuldade de descrevê-la. Exemplo do que se passa nessa fase Wilber vê nas experiências místicas de Tereza de Ávila. Há sentido falar em refinamento da experiência da consciência, já que a consciência está diante de um mundo que extrapola toda a natureza cósmica do nível psíquico. A realidade com a qual ela se defronta é, então, chamada nível sutil, posto que ela tem a experiência de fenômenos tão sutis que parecem desvanecer. Há sentido também em falar de internalização, porque a consciência aprofunda o seu avançar para dentro de si mesma, o qual, por sua vez, a conduz a um amigável abraço com toda a natureza cósmica e sua origem. Ao universo físico é acrescido o mundo sutil que, enquanto fonte desse próprio universo físico, se manifesta, como matéria densa, no cosmo físico. Comparando com a filosofia de Plotino, o plano sutil corresponde ao da alma, pois essa é a raiz da esfera material. Em consonância com a sutileza dessa etapa, a oposição entre sujeito e objeto torna-se cada vez menor, extremamente pequena, enfim, sutil.

A evolução da consciência ainda não alcançou seu estágio final. A nona estação eleva-a ao plano causal. Ele é o plano das formas, a partir das quais os níveis inferiores são moldados. Na tradição filosófica ocidental esse nível encontra sua correspondência no mundo das Idéias de Platão e na hipóstase do Espírito, de acordo a filosofia plotiniana. Ela sinaliza tanto a identidade do pensamento com o ser quanto a totalidade do ser e, nessa medida, contem as Formas (Idéias) que estruturam toda “a grande cadeia do ser”. Aqui estão as condições “formais” que conferem a todos os seres sua figura ontológica específica.

Finalmente, a consciência faz a sua experiência decisiva que a leva a transcender todas as formas em direção ao sem-forma, acima de toda discursividade e dualidade: o Uno em Plotino, o nirguna (ausência de qualidade) na tradição do vedanta, o shunyata (vacuidade) na tradição budista. O sem-forma não pode mais entrar no jogo dos atributos, já que, enquanto incondicionado, ele tem de ser privado de toda forma, a fim de ser a fonte de todas as formas. Nesse específico sentido, ele é a vacuidade simples ou o puramente negativo: nem isto, nem aquilo. O sem-forma não pertence mais a um plano consciencial específico. Ele é simplesmente aquilo em que a consciência e seu objeto se encontram, também aquilo do qual eles surgem e também aquilo para o qual eles retornam. Ele é “simultaneamente” imanente e transcendente a todos os níveis de desenvolvimento consciencial. Nenhum desses níveis é capaz de exauri-lo, pois o sem-forma constantemente os põe e transpõe.

Eis um esquema que pode representar o que acima foi dito:



IV. 6 As questões

As questões colocadas pela teoria da evolução consciencial serão agrupadas em quatro categorias: a antropológica, a ontológica, a gnosiológica e axiológica. Em primeiro lugar, abordarei as questões principais que dizem respeito às quatro categorias de questões em seu conjunto. Depois, investigarei as questões relativas à primeira fase da pesquisa: às filosofias de Plotino e Hegel.

Categoria antropológica

Inevitavelmente essa categoria se encontra diante da tarefa de analisar as imagens do *anthropos* originadas dos pensadores acima tratados. As questões que ela deve responder são as seguintes:

- 1) Quais são as imagens do ser humano resultantes dessas teorias?
- 2) São elas compatíveis?
- 3) Elas podem contribuir para uma visão simultaneamente una e diferenciada do ser humano?
- 4) Caso a resposta à pergunta formulada no item de número três seja positiva: pode aquela visão ensejar o desenvolvimento das diferentes faculdades humanas (a físico-biológica, a emocional, a mental, a anímica e a espiritual), de tal modo que possa ser levado a cabo um novo tipo de educação capaz de levar em conta essas faculdades, ao invés de restringir o ser humano a algumas dessas faculdades?

Categoria ontológica

Enquanto um temática tradicional da filosofia e talvez seu ponto central, uma teoria sobre o ser não pode ser negligenciada. Às teorias que acolhem as múltiplas dimensões do ser são colocadas muitas questões. Primeiramente, salta aos olhos a diferença quantitativa dos níveis de evolução consciencial, mesmo que a pesquisa proposta se restrinja aos pensadores acima listados. Daí, a questão:

- 1) Quais são as razões para essa diferença?
- Também as questões relativas às diferenças qualitativas não podem ser descuradas:
- 2) Como são constituídos os níveis de ser nessas teorias?
 - 3) Eles formam unidades contínuas ou descontínuas? O que esclarece sua eventual continuidade ou descontinuidade?
 - 4) Eles são estruturados de forma hierárquica? Em caso positivo: como ela é construída?

Categoria gnosiológica

Interessantes são também as questões que têm como objeto o saber. Elas se ocupam não apenas com o desempenho cognitivo da consciência, mas também inclui as outras categorias. Chama atenção a relação entre níveis ontológicos e níveis cognitivos, visto que cada plano de ser corresponde a um determinado nível cognitivo. Obviamente, essa relação também se estende às questões colocadas na categoria antropológica:

1) Quais são as faculdades cognitivas da consciência?

2) Como se relacionam as faculdades cognitivas com os níveis de ser e nossas potencialidades antropológicas: a físico-biológica, a emocional, a mental, a anímica e a espiritual?

3) Como ocorre o desenvolvimento do saber através dos níveis ontológicos e antropológicos?

4) O que impulsiona a consciência a abandonar uma determinada estação do saber em favor de uma outra e superior?

Categoria axiológica

A esfera ética merece ser destacada, não apenas porque ela tematiza um aspecto fundamental de nossa existência, mas também porque a análise dessa esfera produz uma inevitável interconexão com as categorias antropológica, ontológica e gnosiológica. Portanto, essa interconexão não pode ser deixada de lado:

1) Há uma correspondência entre nível ontológico e nível de moralidade?

2) Há uma evolução moral que, partindo da faculdade físico-biológica, avançando pelas faculdades emocional, mental e anímica, alcança seu último estágio na faculdade espiritual?

3) A evolução gnosiológica e axiológica formam uma unidade, de tal modo que cada novo nível gnosiológico superior traz necessariamente consigo um novo nível superior de moralidade correspondente àquele nível gnosiológico?

4) Ou podem esses níveis se relacionarem de maneira diferente, fazendo com que o indivíduo que alcançou um alto padrão de moralidade tenha um baixo desempenho cognitivo?

5) O caso contrário pode também ocorrer: um indivíduo cognitivamente bastante desenvolvido, mas relativamente atrasado em termos de evolução ética? Por exemplo: ações terroristas praticadas por indivíduos, grupos e estados podem ser explicadas, de tal forma que os perpetradores de tais atos possuam um alto grau de conhecimento técnico, portanto, se encontram em um nível avançado de performance cognitiva, mas, do ponto de vista moral, não são tão desenvolvidos quanto seu arsenal gnosiológico?

IV. 7 Primeira etapa da pesquisa

O objeto de pesquisa proposto é obviamente bastante amplo. As respostas às questões propostas demandam tempo e não podem ser respondidas na sua integralidade apenas em uma única fase de pesquisa. Isto, então, leva-me a trabalhar por etapas, concentrar-me, a cada etapa, em algumas questões e, depois, avançar para o estudo de outros pensadores e outras questões.

Em virtude de minha aproximação histórica a esses problemas, ocupo-me, primeiramente, com o contexto teórico envolvendo as filosofias de Plotino e Hegel. Além dessa razão histórica, fui também motivado por uma observação de Klaus Düsing, segundo a qual a interpretação hegeliana dos neoplatônicos não foi tão intensamente trabalhada quanto a interpretação hegeliana de Platão e Aristóteles¹⁵. E, finalmente, uma terceira razão motivou-me a começar o estudo com Hegel e Plotino. Em ambos filósofos há uma base comum que serve como eixo para que as duas filosofias possam ser aproximadas, sem naturalmente deixar de lado suas diferenças. Tenho em mente o caminho e suas mediações que a consciência natural na Fenomenologia do Espírito e a alma nas Enéadas têm de percorrer, a fim alcançar a última estação: o saber absoluto na Fenomenologia do Espírito e o Uno nas Enéadas.

Ao começar esse estudo com Plotino e Hegel, quero concentrar-me nos aspectos ontológicos e gnosiológicos, embora reconheça que eles estejam inextricavelmente entrelaçados com os outros dois. Parto do pressuposto – a ser confirmado ou refutado na realização do projeto – de que os aspectos ontológico e gnosiológico são os mais adequados para vincular as Enéadas com a Fenomenologia, visto que na exposição do movimento da consciência natural e da alma alcança-se um novo nível cognitivo sempre que aquela ou esta penetra um novo plano de ser. Aqui é, por assim dizer, o locus no qual a pesquisa tem de se estabelecer. O campo epistêmico formado pelas questões ontológicas e gnosiológicas tem de ganhar uma especificidade, já que elas serão tratadas em sua relação com a Fenomenologia e as Enéadas, as quais, por sua vez, lhes conferem um colorido próprio.

Dois pontos resultantes da crítica de Hegel a Plotino caracterizam esse campo epistêmico.

¹⁵ Düsing, K. *Hegel und die Geschichte der Philosophie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983. 135.

O primeiro refere-se à crítica de Hegel à imediatez absoluta. Segundo Hegel, todo saber possui tanto imediatez quanto mediação, de tal forma que um saber exclusivamente imediato ou um saber absolutamente mediatizado devem ser excluídos. A primeira experiência da consciência natural na Fenomenologia do Espírito, a certeza sensível, é exemplo dessa deficiência, posto que a opinião da certeza sensível, segundo a qual o ser sensível é absolutamente imediato, é refutada ao longo de sua experiência. Diferentemente de Hegel, no entanto, Plotino defende a tese, segundo a qual o Uno é privado de dualidade e, portanto, também de mediações. Ele é simplicidade ou imediatez absoluta. Ele consititui a exceção, visto que as outras hipóstases são marcadas pela dualidade e, conseqüentemente, mediação.

Daí, as perguntas: todo saber é, de fato, simultaneamente imediato e mediatizado? Seria a contemplação do Uno pela alma, na medida em que esta contemplação fosse interpretada como uma forma de saber, a exceção? Seria a posição de Hegel uma posição plotiniana mitigada, já que Plotino aceita as duas formas de saber, a imediata e a mediatizada?

O segundo diz respeito à necessidade do movimento da alma em direção ao Uno. Na Fenomenologia do Espírito a passagem de uma figura para uma outra tem lugar, quando um saber se mostra deficiente e, portanto, indefensável. Se uma determinada figura do saber tornou-se incapaz de manter sua posição ou seu critério de verdade, então surge uma nova figura do saber capaz de superar a deficiência da última figura e fazer avançar o saber. A necessidade de passar de uma forma inferior de saber para uma outra superior impulsiona a consciência em seu movimento.

De acordo com Hegel, um tal necessidade está ausente em Plotino. Com base em imagens e não no conceito são descritos o progresso da alma em direção ao Uno, o surgimento do espírito, da alma e da matéria a partir do Uno. Se pertinente, a crítica de Hegel sinaliza, então, uma deficiência da filosofia de Plotino – deficiência essa capaz também de dificultar ou até impossibilitar a interpretação da vinculação entre ser e saber em Plotino.

Questões: é sustentável a crítica de Hegel à falta de necessidade do movimento da alma para o Uno e do surgimento das hipóstases a partir do Uno? Em caso negativo: quais

as diferenças entre a necessidade defendida por Plotino nas *Enéadas* e a defendida por Hegel na *Fenomenologia do Espírito*?

V. Cronograma

Pretendo uma estadia de seis (06) meses (setembro/2004 a fevereiro/2005) em Bochum, Alemanha, sede do Hegel-Archiv. No Hegel-Archiv terei acesso ao material indispensável à pesquisa acima relatada.

Durante o período de seis meses tenho em mente três objetivos:

A

O primeiro consiste em recolher os textos diretamente relacionados ao contexto da análise hegeliana da filosofia de Plotino: a) textos do próprio Plotino e sobre a filosofia de Plotino, utilizados por Hegel em seu confronto com o pensamento plotiniano; b) textos de Hegel sobre Plotino; c) textos da literatura secundária que investigam a interpretação hegeliana de Plotino.

B

O segundo consiste na avaliação dos textos coletados, de tal modo que as questões acima colocadas referentes ao confronto das filosofias hegeliana e plotiniana possam ser respondidas.

C

O terceiro é a publicação dos resultados obtidos. Tenho a intenção de 1) concluir, ao final de minha eventual estadia na Alemanha, a redação de um artigo que apresente os primeiros resultados da pesquisa e enviá-lo para publicação em revista de filosofia internacionalmente reconhecida (p. ex., a *Hegel-Studien*).

Posteriormente, é meu propósito continuar aprofundando o material recolhido no Hegel-Archiv, a fim de poder cotejá-lo, de um lado, com pesquisadores nacionais e estrangeiros que se dedicam ao estudo dos níveis de consciência; de outro lado, compará-lo

também com os resultados a serem obtidos da pesquisa sobre Platão e Wilber. Um futuro desdobramento dessa pesquisa a ser realizado a longo prazo e envolvendo uma grande equipe de pesquisa seria elaborar um mapa do espectro da consciência da população brasileira.

Parto do pressuposto que os objetivos A e B podem ser alcançados em um período de quatro a cinco meses, ao passo que a redação do artigo apresentando os primeiros resultados da pesquisa pode ser concluída em um período de um a dois meses.

VI. Bibliografia

A bibliografia referente aos quatro filósofos aqui listados é bastante ampla. Em virtude disso, considereei mais apropriado limitar-me somente aos textos que tenham uma relação direta e imediata com as questões concernentes ao projeto de pesquisa. Além disso, resolvi apresentar uma bibliografia mais detalhada sobre Plotino e Hegel do que a sobre Wilber e Platão, já que aqueles são o objetivo mais imediato de uma eventual estadia na Alemanha.

PLATÃO

Literatura primária

(Eigler, G. Hrsg.). *Platon. Werke in acht Bänden. Griechisch und Deutsch*. Darmstadt: 1990.

Literatura secundária

Albert, Karl. *Über Platons Begriff der Philosophie*. St. Augustin: 1989. (Beiträge zu Philosophie I).

_____. Sul conceito di filosofia nel “Fedro” di Platone. *In: Rivista di filosofia neoscolastica*, 81(1989), 219-223.

_____. *Über Platons Begriff der Philosophie*. Sankt Augustin: 1989.

Beierwaltes, W. *Il paradigma neoplatonico nell’interpretazione di Platone*. Nápoles: 1991.

- Berti, E. Struttura e significato del “ Parmenide” di Platone. In: *Giornale di Metafisica*, 26 (1971), 495-526.
- Cherniss, H. *Aristotle's Criticism of Plato and the Academy*. Baltimore: 1944.
- _____. *The Riddle of the Early Academy*. Berkeley-Los Angeles: 1945.
- _____. A Much Misread Passage of the “Timaeus”(Timaeus 49 C7 - 50 B 5). In: *American Journal of Philology*, 75 (1954), 113-130.
- Conford, F.M. *Plato's Theory of Knowledge*. Londres: 1935.
- _____. *Plato's cosmology. The Timaeus of Plato Translated with a Running Commentary*. Londres: 1937.
- Diels, H. und Kranz, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker Griechisch und Deutsch*. 3 Bde. (I u. II : Berlin 1951, III : 1952).
- Diès, A. *Autour de Platon. Essais de critique et d'histoire*. Paris: 1927.
- Döring, K. und Kullmann, W. *Studia Platonica. Festschrift für H. Gundert*. Amsterdam. 1974.
- Düsing, K. Ontologie und Dialektik bei Plato und Hegel. In: *Hegel Studien* 15 (1980), 95-150.
- Edelstein, L. Platonic Anonymity. In: *American Journal of Philology* 83, 1962, 1-22.
- Erler, M. *Hilfe und Hintersinn. Isokrates' Panathenaios und die Schriftkritik im Phaidros*. In: *Understanding the Phaedrus. Proceedings of the II Symposium Platonicum*, edited by Livio Rossetti (International Plato Studies I). St. Augustin: 1992.
- _____. *Der Sinn der Aporien in den Dialogen Platons. Übungsstücke zur Anleitung im philosophischen Denken* (Untersuchungen zur antiken Literatur und Geschichte 25). Berlin: 1987.
- Findlay, J. *Plato. The written and unwritten doctrines*. London: 1974.
- _____. Hegelianism and Platonism. In: *Hegel and the history of philosophy*. (Malley, J. Algozin, K., Weiss, F., Eds.). The Hague: 1974, 62-76.
- Fritz, K. The philosophical passage in the seventh Platonic letter and the problem of Plato's esoteric philosophy. In: Fritz, K. *Schriften zur griechischen Logik*. Stuttgart: 1978 (Bd. 1, Logik und Erkenntnistheorie).
- Gadamer, H. *Platos dialektische Ethik. Phänomenologische Interpretationen zum Philebos*. Leipzig: 1931.
- _____. *Dialektik und Sophistik im siebenten Platonischen Brief, Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften; 2, Philosophisch-Historische Klasse, Jahrg. 1964*. Heidelberg: 1964.
- _____. *Platos dialektische Ethik, und andere Studien zur Platonischen Philosophie*. Hamburg: 1968.
- _____. Platons ungeschriebene Dialektik. In: Gadamer, H. *Kleine Schriften III*. Tübingen: 1972, 27-49.
- _____. *Die Idee des Guten zwischen Plato und Aristoteles* (Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Philos. – histor. Klasse 1978,3). Heidelberg: 1978.
- Gaiser, Konrad (Hrsg.). *Das Platonbild. Zehn Beiträge zum Platonverständnis*. Hildesheim: 1969.
- Gadamer, H. und Wolfgang S. *Idee und Zahl; Studien zur Platonischen Philosophie. Vol. Pt. 2, Abhandlungen der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-Historische Klasse*. Heidelberg: 1968.

- Gaiser, K. *Platone come scrittore filosoico. Saggi sull'ermeneutica dei dialoghi platonici, com una premessa di Marcello Gigante* (Istituto Italiano per gli Studi filosofici. Lezioni dell Scuola di Studi Superiori in Napoli 2). Napoli: 1984.
- _____. *Platons ungeschriebene Lehre. Studien zur systematischen und geschichtlichen Begründung der Wissenschaften in der Platonischen Schule*. Stuttgart: 1963.
- _____. La teoria dei principi in Platone. In: *Elenchos* 1 (1980), 45-75.
- Griswold, Jr., Charles, L. *Self-Knowledge in Plato's Phaedrus*. New Haven- London: 1986.
- Hösle, V. Platons Grundlegung der Euklidizität der Geometrie. In: *Philologus* 126 (1982), 180-197.
- _____. Zu Platons Philosophie der Zahlen und deren mathematischer und philosophischer Bedeutung. In: *Theologie und Philosophie* 59 (1984), 321-355.
- Krämer, H. *Arete bei Platon und Aristoteles. Zum Wesen und zur Geschichte der Platonischen Ontologie* (Abhandlungen der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Philos.-histor. Klasse, 1959, 6). Heidelberg: 1959.
- _____. Fichte, Schlegel und der Infinitismus in der Platondeutung. In: *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte*. 62, 1988, 583 –621.
- _____. *Platone e i fondamenti della metafisica. Saggio sulla teoria dei principi e sulle dottrine non scritte di Platone con una raccolta dei documenti fondamentali in edizione bilingue e bibliografia, introduzione e traduzione di Giovanni Reale* (Publicazioni del Centro di Ricerche di Metafisica. Sezione di metafisica del Platonismo nel suo sviluppo storico e nella filosofia patristica. Studi e testi I), Milano: 1982.
- _____. *Der Ursprung der Geistmetaphysik. Untersuchungen zur Geschichte des Platonismus zwischen Platon und Plotin*. Amsterdam: 1967.
- _____. Neues zum Streit um Platons Prinzipientheorie. In: *Philosophische Rundschau* 27 (1980), 1-38.
- Merlan, P. *From Platonism to Neoplatonism*. Den Haag: 1953.
- Moreau, J. *La construction de l'idéalisme platonicien*. Paris: 1939.
- _____. *Le sens du Platonisme*. Paris: 1967.
- Reale, G.. *Per una nuova interpretazione di Platone. Rilettura della metafisica dei grandi dialoghi alla luce delle Dottrine non scritte* (Publicazioni del Centro di Ricerche die Metafisica Sezione di Metafisica del Platonismo. Studi e testi 3). Milano: 1991.
- _____. Platons protologische Begründung des Kosmos und der idealen Polis. In: Rudolph, E. (Hrsg.). *Polis und Kosmos. Naturphilosophie und politische Philosophie bei Platon*. Darmstadt: 1996.
- Reale, G. (Hrsg.). *Verso una nuova immagine di Platone*. Nápoles: 1991.
- Robin, L. *la théorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote. Étude historique et critique*. Paris: 1908.
- Ross, W. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford: 1951.
- Schaerer, R. *La question platonicienne. Étude sur les rapports de la pensée et de l'expression dans les dialogues* (Mémoires d'Université de Neuchâtel IO). Paris-Neuchâtel: 1938.
- Stein, H. *Sieben Bücher zur Geschichte des Platonismus. Untersuchungen über das System des Plato und sein Verhältnis zur späteren Theologie und Philosophie*. Frankfurt a.M.: 1965. (3 Teile).
- Stenzel, J. *Platon der Erzieher*. Leipzig: 1928.
- Szlezák, T. Die Lückenhaftigkeit der akademischen prinzipientheorien nach Aristoteles' Darstellung in Metaphysik M und N. In: Andreas Graeser (Hrsg.). *Mathematics and*

metaphysics in Aristotle. Mathematik und Metaphysik bei Aristoteles. Akten des X. Symposium Aristotelicum Sigriswil, 6-12. September 1984 (Berner Reihe philosophischer Studien 6), Bern – Stuttgart: 1987, 45-67.

_____. *Platon und die Schriftlichkeit der Philosophie. Interpretationen zu den frühen und mittleren Dialogen.* Berlin- New York: 1985.

_____. Unsterblichkeit und Trichotomie der Seele im zehnten Buch der *Politeia*, in: *Phronesis* 2I, 1976, 31-58.

_____. Sokrates' Spott über Geheimhaltung. Zum Bild des φιλοσοφός in Platons *Euthydemos*. In: *Antike und Abendland* 26, 1980, 75-89.

_____. Psyche – Polis – Kosmos. In: Rudolph, E. (Hrsg.). *Polis und Kosmos. Naturphilosophie und politische Philosophie bei Platon.* Darmstadt: 1996.

Taylor, A. *Plato: The Man and his work.* London: 1926.

Vogel, C. On the Neoplatonic character of Platonism and the Platonic character of Neoplatonism. In: *Mind* 62 (1953), 43-64.

Wilpert, P. *Zwei aristotelische Frühschriften über die Ideenlehre.* Regensburg: 1949.

Wippern, J. (Hr.) *das Problem der ungeschriebenen Lehre Platons. Beiträge zum Verständnis der Platonischen Prinzipienphilosophie.* Darmstadt: 1972.

Wyller, E. *Der späte Platon.* Hamburg: 1970.

PLÖTINO

Literatura primária

P. Henry e H-R. Sch wyzer. (Hrgs.) *Plotini Opera.* Oxford: 1984. (Editio minor).

Harder, R. *Plotins Schriften.* (Neubearbeitung mit griechischem Lesetext und Anmerkung fortgeführt von R. Beutler und W. Theiler) Hamburg: 1956-1971.

Literatura secundária

About, P. *Plotin et la quête de l'un.* Paris: 1973.

Alfino, M. Plotinus on the possibility of non-propositional thought. In: *Ancient Philosophy*, 8, 273-284.

Andolfo, M. *L'ipostasi della psyche in Plotino : struttura e fondamenti, introd. di Giovanni Reale.* (Pubblicazioni del Centro di Ricerche di Metafisica, Temi metafisici e problemi del pensiero antico, 54). Milano: 1996.

_____. Essere e tempo nella riflessione plotiniana. In: *Rivista di Filosofia Neo-Scolastica* (91, 2), 1999, 273-283.

Anton, J. Plotinus and Augustine on cosmic alienation : Proodos and Epistrophe. In: *The Journal of Neoplatonic Studies* (4, 2), 1996, 3-28.

Armstrong, A. Emanation in Plotinus. In: *Mind* 46, 1937, 61-66.

- ___ Plotinus and India. In: *Classical Quarterly*, 1936, 30, 22-28.
- ___ *The architecture of the intelligible universe in the philosophy of Plotinus*. Cambridge: 1940.
- ___ Neoplatonic valuations of nature, body and intellect. In: *Augustinian Studies*, 1972, 3, 33-39.
- ___ Form, individual, and person in Plotinus. In: *Dionysius*, 1977, 1, 49-58.
- ___ Negative Theology. In: *Downside Review*, 1977, 95, 176-189.
- ___ Two views of freedom: a Christian objection in Plotinus Enneads VI 8(39) 7, 11-15. In: *Livingston* (1982), 397-406.
- ___ Dualism Platonic, Gnostic and Christian. In: *Runia* (1984), 29-52.
- Aubenque, P. Plotin et le dépassement de l'ontologie grecque classique. In: *Néoplatonisme. Mélanges offert à Jean Trouillard*. Fontenay-aux-Roses: Les Cahiers de Fontenay, 1981, 101-108.
- Baine, R. El misticismo racional de Plotino. In: *Epimeleia* (4, 7), 1995, 109-120.
- Beierwaltes, W. Hegel und Plotin. In: *Revue internationale de philosophie* (24), 1968, 247-251.
- ___ *Platonismus und Idealismus*. Frankfurt/M: 1972.
- ___ *Denken des Einen: Studien zur neuplatonischen Philosophie und ihrer Wirkungsgeschichte*. Frankfurt/M: 1985.
- ___ *Plotin, Geist-Idee-Freiheit*. Hamburg: 1990.
- ___ *Selbsterkenntnis und Erfahrung der Einheit : Plotins Enneade V 3. Text, Übersetzung, Interpretation, Erläuterungen*. Frankfurt/M: 1991.
- ___ *Plotin Über Ewigkeit und Zeit (Enneade III.7)*. Frankfurt/M: 1967.
- ___ Andersheit: Grundriss einer neuplatonischen Begriffsgeschichte. In: *Archiv für Begriffsgeschichte*, 1972, 16, 166-197.
- ___ *Der Übergang zur Neuzeit und die Wirkung von Traditionen*. Göttingen: 1997.
- ___ *Platonismus im Christentum*. Frankfurt/M: 1998.
- ___ Causa sui, Platons Begriff des Einen als Ursprung des Gedankens der Selbstursächlichkeit. In: *Traditions of Platonism, Essays in honour of John Dillon*. (Edited by J.J. Cleary). Aldershot (Hampshire): 1999. 191-226.
- ___ *Das wahre Selbst. Studien zu Plotins Begriff des Geistes und des Einen*, Frankfurt a.M.: 2001.
- ___ Das Eine als Norm des Lebens. Zum metaphysischen Grund neuplatonischer Lebensform. In: *Metaphysik und Religion*. Akten des Internationalen Kongresses vom 13.-17. März 2001 in Würzburg, Herausgegeben von Theo Kobusch und Michael Erler, K München: 2002, 121-151.
- Blumenthal, H. Did Plotinus believe in ideas of individuals? In: *Phronesis*, 1966, 11, 61-80.
- ___ Soul, world-soul and individual soul in Plotinus. In: *Néoplatonisme. Mélanges offerts à Jean Trouillard*. Fontenay-aux-Roses: Les Cahiers de Fontenay, 1981, 55-63.
- ___ *Plotinus' Psychology: his doctrine of the embodied soul*. The Hague: 1971.
- ___ Plotinus' Psychology: Aristotle in the Service of Platonism. In: *International Philosophical Quarterly*, 1972, 12, 340-363.
- ___ Nous and soul in Plotinus: some problems of demarcation. In: *Plotino e il Neoplatonismo in Oriente e in Occidente. Atti del Convegno Internazionale, Roma, 5-9 ottobre 1970*. Rome: 1974, 203-219.
- ___ Plotinus' a adaptation of Aristotle's Psychology: sensation, imagination and memory. In: Harris, R. (Ed.) *The significance of Neoplatonism*. New York: 1976.

- . Plotinus and the Platonic theology of Proclus. In: *Proclus et la théologie platonicienne*. (Ed. par Alain Philippe Segonds et al.). Leuven: 2000, 163-176.
- Brisson, L. Le logos chez Plotin. In: *Ontologie et dialogue*. Mélanges en hommage à P. Aubenque avec sa collaboration à l'occasion de son 70e anniversaire, textes réunis par Nestor L. Cordero. Paris: 2000, 47-68.
- Castillo, P. *Plotino (204/5-270)*. Madrid: 2001.
- Chiaradonna, R. Plotino interprete di Aristotele : alcuni studi recenti. In: *Rivista di filologia di istruzione classica* (126, 4), 1998, 479-503.
- . *ousia ex ouk ousiôn*. Forma e sostanza sensibile in Plotino (*Enn.* VI 3 [44], 4-8). In: *Documenti e Studi sulla tradizione Filosofica Medievale* (10), 1999, 25-57.
- Chrétien, J. Plotin et le mouvement. In: *Archives de philosophie* (64, 2), 2001, 243-258.
- Ciner de Cardinalli, P. La participación y la mística en las Enéadas de Plotino. *Epimeleia* (4), n. 7, 1995, 55-107.
- Colette, B. *Dialectique et Hénologie chez Plotin*. Bruxelles: 2002.
- Crystal, I. Plotinus on the structure of self-interpretation. In: *Phronesis* (43, 3), 1998, 264-286.
- Emilsson, E. Remarks on the relation between One and Intellect in Plotinus. In: *Traditions of Platonism, Essays in honour of John Dillon*. (Edited by J.J. Cleary). Hampshire: 1999, 271-290.
- Diamond, E. Hegel on being and nothing : some contemporary neoplatonic and sceptical response. In: *Dionysius* (18), 2000, 183-216.
- Ferrari, F. La collocazione dell'anima e la questione dell'esistenza di idee di individui in Plotino. In: *Rivista critica di storia della filosofia* (53, 4), 1998, 629-653.
- Galluzzo, G. Il tema della verità in Plotino, fonti platoniche e presupposti filosofici. In: *Documenti e Studi sulla tradizione Filosofica Medievale* (10), 1999, 59-88.
- García Bazán, F. Filosofía del lenguaje y ontología según Plotino. In: *Epimeleia* (1), n. 1-2, 1992, 61-90.
- Gerson, L. *Plotinus*. London: 1994.
- Guidelli, C. Plotino: La vita come pensiero. Una prospettiva estetica. In: *Hegel e il neoplatonismo. Atti del Convegno internazionale di Cagliari (16-17 Aprile 1996)*. A cura di G. Movia, Università degli studi di Cagliari. Pubblicazioni del Dipartimento di filosofia e teoria delle scienze umane, 3, Cagliari: 1999, 179-194.
- Hadot, P. Les niveaux de conscience dans les états mystiques selon Plotin. In: *Journal de Psychologie*, 1980, 77, 243-266.
- . *Exercices spirituels et philosophie antique*. Paris: 1981.
- . L'union de l'âme avec l'intellect divin dans l'expérience mystique plotinienne. In: *Proclus et son influence. Actes du Colloque de Neuchâtel, juin 1985*. Zurich: 1987.
- . *Plotin ou la simplicité du regard*. Paris: Gallimard, 1997
- . *Plotin, Porphyre. Études néoplatoniciennes*. Paris: 1999.
- Inge, W. *The philosophy of Plotinus*. Westport: 1968 (Vols. 1 and 2).
- Kèlssidou, A. Atteindre l'Un selon Platon et Plotin: Délivrance féconde et supraconscience. In: *Diotima* (28), 2000, 26-29.
- Klimis, S. L'ambivalence de l'hénologie chez Plotin. In: *Diotima* (28), 2000, 43-60.
- Menn, S. Plotinus on the identity of knowledge with its object. In: *Apeiron* (34, 3), September 2001, 233-246.
- Mesch, W. Neuere Literatur zu Plotins Metaphysik. In: *Philosophische Rundschau* (47, 1), 2000, 1-20. (Besprechung von sechs Veröffentlichungen aus den Jahren 1992-1996).

- Molinu, N. Phughè mónou pròs mónon. Plotino, Spinoza, Hegel. In: *Hegel e il neoplatonismo. Atti del Convegno internazionale di Cagliari (16-17 Aprile 1996)*. A cura di G. Movia, Università degli studi di Cagliari. Pubblicazioni del Dipartimento di filosofia e teoria delle scienze umane, 3, Cagliari:1999, 129-178.
- Movia, G. (Hrsg.) *Hegel e il neoplatonismo. Atti del Convegno internazionale di Cagliari (16-17 Aprile 1996)*. Università degli studi di Cagliari. Pubblicazioni del Dipartimento di filosofia e teoria delle scienze umane, 3. Cagliari: 1999..
- O'Meara, D.J. Neoplatonist Conceptions of the Philosopher-King. In: *Plato and Platonism: Studies in Philosophy and the History of Philosophy*, Volume 33. (Van Ophuijsen, J. Ed.) Washington DC: 1999.
- Rappe, S. *Reading Neoplatonism. Non-discursive thinking in the texts of Plotinus, Proclus and Damascius*. New York: 2000.
- Reale, G. Fundamentos, estructura dinámico-relacional y caracteres esenciales de la metafísica de Plotino. In: *Anuario Filosófico* (33, 1), 2000, 163-191.
- _____. Plotino, Erma bifronte. Appunti per una rilettura sistematica delle "Enneadi". In: *Metaphysik und Religion, Akten des Internationalen Kongresses vom 13.-17. März 2001 in Würzburg*. Herausgegeben von Theo Kobusch und Michael Erler, K. München: 2002, 453-475.
- Rist, J. Moral Motivation in Plato, Plotinus, Augustine, and Ourselves. In: *Plato and Platonism: Studies in Philosophy and the History of Philosophy*, Volume 33, (Van Ophuijsen, J. Ed.). Washington DC: 1999.
- Santa Cruz, M. Filosofía y dialéctica en Plotino. In: *Cuadernos de Filosofía* (24), 1993, 5-21.
- Scharfstein, B. Hierarchical Idealism: Plotinus/Proclus, Bhartrhari; Essays in Honour of Frits Staal. In: *India and Beyond: Aspects of Literature, Meaning, Ritual and Thought*. (Meij-Dick-van-der, Ed.), New York: 1997, 439-470.
- Smith, A. The Significance of Practical Ethics for Plotinus. In: *Traditions of Platonism, Essays in honour of John Dillon*. (Edited by J.J. Cleary). Hampshire: 1999, 227-236.
- Sen, J. Souls. In: *Ancient Philosophy* (20, 2), 2000, 415-424.
- Dodds, E., Theiler, W. et alii. *Sources de Plotin., Les Dix exposés et discussions*. Entretiens sur l'antiquité classique V, 1960.
- Szlezák, Th. *Platon und Aristoteles in der Nuslehre Plotins*. Stuttgart: 1979.
- _____. L'interpretazione di Plotino della teoria platonica dell'anima. In: *Rivista de filosofia neo-scolastica*, 1992, 84, 325-339.
- Tazzolio, F. *Du lien de l'Un et de l'Être chez Plotin*. Paris: 2002.
- Trotta, A. *Il problema del tempo in Plotino*. Introduzione di Werner Beierwaltes. (Pubblicazioni del Centro di ricerche di metafisica, Temi metafisici e problemi del pensiero antico). Milano: 1997.
- White, D. and Pang White, A. On the Generation of Matter in Plotinus' Enneads. In: *Modern Schoolman* (78, 4), May 2001, 289-299.
- Neoplatonism and Nature, Studies in Plotinus' Enneads*. International Society for Neoplatonic Studies. Michael F. Wagner Editor, 8. New York, 2002.
- Neoplatonism and Indian Philosophy*, International Society for Neoplatonic Studies. Paulos Mar Gregorios Editor, 9. New York:, 2002.
- Neoplatonism and Contemporary Thought, Part I*. International Society for Neoplatonic Studies, R. Baine Harris Editor, 10. New York: 2002.

Neoplatonism and Contemporary Thought, Part II, International Society for Neoplatonic Studies. R. Baine Harris Editor, 11. New York: 2002.

Neoplatonism and Western Aesthetics, International Society for Neoplatonic Studies, Aphrodite Alexandrakis, Editor, Nicholas J. Moutafakis Associate Editor, 12. New York: 2002.

GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL

Literatura primária

Hegel, G. Phänomenologie des Geistes. In: *Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Werke in zwanzig Bänden. Auf der Grundlage der Werke von 1832-1845.* neu ediert. Red. E. Moldenhauer und K. M. Michel. Frankfurt/M.: 1969-1971 (Die Suhrkampausgabe, heute stw 601-620).

Hegel. Phänomenologie des Geistes. Herausgegeben von W. Bonsiepen und R. Heed. In: *Gesammelte Werke.* In Verbindung mit der Deutschen Forschungsgemeinschaft, herausgegeben von der Nordrhein-Westfälischen Akademie der Wissenschaften. Hamburg: 1980. Bd. 9.

Literatura secundária

d'Abbiere, M. "Alienazione" in Hegel. *Usi e significati di Entäußerung, Entfremdung, Veräußerung.* Roma: 1970.

Aschenberg, R. Der Wahrheitsbegriff in Hegels "Phänomenologie des Geistes". In: *Die ontologische Option. Studien zu Hegels Propädeutik, Schellings Hegel-Kritik und Hegels Phänomenologie des Geistes.* (Hartmann, K. Hrsg.). Berlin: 1976, 211-308.

Astrada, C. *Valoración de la fenomenología del espíritu.* Buenos Aires: 1965.

__. *Trabajo y alienación.* Buenos Aires: 1966.

Becker, W. *Hegels Begriff der Dialektik und das Prinzip des Idealismus. Zur systematischen Kritik der logischen und phänomenologischen Dialektik.* Stuttgart: 1969.

__. *Idealistische und materialistische Dialektik. Das Verhältnis von "Herrschaft und Knechtschaft" bei Hegel und Marx.* Stuttgart: 1970.

__. Hegels Dialektik von "Herr" und "Knecht". In: *Hegel-Studien.* Beiheft 11 (1974), 429-439.

Bloch, E. Das Faustmotiv der Phänomenologie des Geistes. In: *Hegel-Studien* 1 (1961). 155-171.

Boeder, H. Das natürliche Bewußtsein. In: *Hegel-Studien* 12 (1977), 157-178.

Boey, C. *L'aliénation dans "La Phénoménologie de l'Espirt" de G.W.F. Hegel.* Paris: 1970.

__. Die Grundlagen der Bildung. In: *Hegel-Jahrbuch* 1972, 280-291.

- Bonsiepen, W. Zu Hegels Auseinandersetzung mit Schellings Naturphilosophie in der 'Phänomenologie des Geistes'. In: *Schelling. Seine Bedeutung für eine Philosophie der Natur und der Geschichte. Referate und Kolloquien der Internationalen Schelling-Tagung 1979.* (Hasler, L. Hrsg.) Stuttgart – Bad Cannstatt: 1981, 167-172.
- Borel, A. *Hegel et le problème de la finitude.* Paris: 1972.
- Brudner, R. Problemgeschichte und systematischer Sinn einer Phänomenologie. In: *Hegel-Studien* 5 (1969), 129-159.
- Burbridge, J. Man, God and Death in Hegel's Phenomenology. In: *Philosophe and Phenomenological Research* 42 (1981). 183-196.
- Chiereghini, F. La Fenomenologia dello spirito nell' interpretazione di M. Heidegger. In: *Verifiche* 15 (1986). N. 4. 365-393.
- Claesges, U. Darstellung des erscheinenden Wissens. Systematische Einleitung in Hegels Phänomenologie des Geistes. In: *Hegel-Studien.* Beiheft 21, Bonn 1981.
- Costantino, S. *Hegel. La dialettica come linguaggio. Il problema dell'individuo nella fenomenologia dello spirito.* Milano: 1980.
- Cramer, K. Bemerkungen zu Hegels Begriff vom Bewußtsein in der Einleitung zur Phänomenologie des Geistes. In: *Der Idealismus und seine Gegenwart. Festschrift für Werner Marx zum 65. Geburtstag.* (Guzzoni, U. Lang, B. u. Siep, L., Hrsg.) Hamburg: 1976, 75-100.
- Dončev, G. "Wer denkt abstrakt?" und die "Phänomenologie des Geistes". In: *Hegel-Studien* 12 (1977). 190-200.
- van Dooren, W. Die Bedeutung der Religion in der Phänomenologie des Geistes. In: *Hegel-Studien.* Beiheft 4 (1969). 93-101.
- _____. Der Begriff der Bildung in der Phänomenologie des Geistes. In: *Hegel-Jahrbuch* 1973. Köln: 1974, 162-169.
- _____. Der Begriff der Materie in Hegels Phänomenologie des Geistes. In: *Hegel-Jahrbuch* 1976. Köln: 1978, 84-89.
- _____. Einige Interpretationen der Phänomenologie des Geistes. In: *Hegel-Studien* 16 (1981), 251-256.
- Drescher, W. *Die dialektische Bewegung des Geistes in Hegels Phänomenologie.* Speyer: 1938.
- Dubarle, D. De la foi au savoir selon la "Phénoménologie de l'esprit". In: *Revue des sciences philosophiques et théologiques* 59 (1975). 3-36, 243-277, 399-425.
- Düsing, E. *Intersubjektivität und Selbstbewußtsein. Behavioristische, phänomenologische und idealistische Begründungstheorien bei Mead, Schütz, Fichte und Hegel.* Köln: 1986.
- Düsing, K. Die Bedeutung des antiken Skeptizismus für Hegels Kritik der sinnlichen Gewißheit. In: *Hegel-Studien* 8 (1973), 119-130.
- _____. *Hegel und die Geschichte der Philosophie; Ontologie und Dialektik in der Antike und Neuzeit.* Darmstadt: 1983.
- Ferrari, O. Hegel: rapport entre 'Phénoménologie de l'Esprit' et 'Science de la logique'. In: *Philosophie* 11 (1985), 143-153.
- Filippe, A. Análisis crítico de la dialéctica del conocimiento en la "Fenomenologia del espíritu" de Hegel. In: *Diánoia* 16 (1970), 66-96.
- Fink, E. *Hegel, Phänomenologische Interpretation der "Phänomenologie des Geistes".* (Hrsg. u. mit einem Nachwort versehen v. J. Holl). Frankfurt a.M.: 1977.
- Fink-Eitel, H. Hegels phänomenologische Erkenntnistheorie als Begründung dialektischer Logik. In: *Philosophisches Jahrbuch* 85 (1978): 242-258.

- Fulda, H. *Das Problem einer Einleitung in Hegels Wissenschaft der Logik*. Frankfurt a.M.: 1965.
- ___ . Zur Logik der Phänomenologie von 1807. In: *Hegel-Tage Royaumont 1964. Hegel-Studien. Beiheft 3* (1966), 75-101.
- ___ . Hegels Dialektik als Begriffsbewegung und Darstellungsweise. In: *Seminar: Dialektik in der Philosophie Hegels*. (Hortsmann, R. Hrsg.). Frankfurt a.M.: 1978, 124-174.
- Gadamer, H. Die verkehrte Welt. In: *Hegel-Tage Royaumont 1964. Hegel-Studien. Beiheft 3* (1966), 135-154.
- ___ . Hegels Dialektik des Selbstbewußtseins. In: Fulda, H. und Henrich, D. (Hg.). *Materialien zu Hegels Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt/M: 1973, 217 - 242.
- Gauvin, J. Entfremdung und Entäußerung dans la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel. In: *Archives de Philosophie* 25 (1962), 555-571.
- ___ . "Für uns" dans la Phénoménologie de l'Esprit. In: *Archives de Philosophie* 33 (1970), 829-854.
- ___ . Wortindex zu Hegels Phänomenologie des Geistes. *Hegel-Studien. Beiheft 14*, Bonn: 1977.
- ___ . Gestaltungen dans la Phénoménologie de l'Esprit. In: *L'héritage de Kant. Mélanges philosophiques offerts au Marcel Régnier*. Paris: 1982, 195-208.
- Gloy, K. Bemerkungen zum Kapitel Herrschaft und Knechtschaft in Hegels Phänomenologie des Geistes. In: *Zeitschrift für philosophische Forschung* 39 (1985), 187-213.
- Göhler, G. Die wichtigsten Ansätze zur Interpretation der Phänomenologie. In: *Hegel: Phänomenologie*. (Göhler, G. Hrsg.) 591-623.
- Goldford, D. Kojève's reading of Hegel. In: *International Philosophical Quarterly* 22 (1982). N. 4., 275-293.
- Graeser, A. Hegels Kritik der sinnlichen Gewißheit und Platons Kritik der Sinneswahrnehmung im 'Teaitet'. In: *Revue de Philosophie Ancienne* 3 (1985). N. 2., 39-57.
- Guibal, F. *Dieu selon Hegel. Essai sur la problématique de la "Phénoménologie de l'Esprit"*. Paris: 1975.
- Gumpfenberg, R. Bewußtsein und Arbeit. Zu G.W.F. Hegels "Phänomenologie des Geistes". In: *Zeitschrift für philosophische Forschung* 26 (1972), 372-388.
- Harris, H. Les influences platoniciennes sur la théorie de la vie et du désir dans la phénoménologie de l'esprit de Hegel. In: *Revue de Philosophie Ancienne* 3 (1985). N. 2, 59-94.
- Hegel-Tage Royaumont 1964. Beiträge zur Deutung der "Phänomenologie des Geistes". (Gadamer, G. Hrsg.). In: *Hegel-Studien. Beiheft 3*. Bonn 1966.
- Heidegger, M. Hegels Begriff der Erfahrung, In: *M. H. Holzwege*. Hrsg. v. F.-W. v. Herrmann. Gesamtausgabe. I. Abt. Bd. 5. Frankfurt a.M.: 1978.
- ___ . *Hegels Phänomenologie des Geistes*. Hrsg. v. I. Görland. Gesamtausgabe. II. Abt. Bd. 32. Frankfurt a.M.: 1980.
- Heinrichs, J. *Die Logik der "Phänomenologie des Geistes"*. Bonn: 1974.
- Holz, H. *Herr und Knecht bei Leibniz und Hegel. Zur Interpretation der Klassengesellschaft*. Neuwied u. Berlin: 1968.
- Holzleitner M. Selbsterfahrung und Erfahrung des Selbst. Ein Denkgang mit Hegel. In: *Archiv für Religionspsychologie* 16 (1983), 269-281.

- Horn, J. *Zwei anthropologische Angeln in Hegels Phänomenologie*. In: *Sinn und Geschichtlichkeit. Werk und Wirkungen Theodor Litts*. Hrsg. v. J. Derbolav, Cl. Menze u. Fr. Nicolin. Stuttgart: 1980, 78-91.
- Hyppolite, J. La signification de la Révolution Française dans la “Phénoménologie” de Hegel. In: *Revue philosophique de France et l'étranger* 128 (1939), 321-352.
- ___ . *Genèse et structure de la “Phénoménologie de l'esprit” de Hegel*. T. 1. 2. Paris: 1946.
- ___ . L'Existence dans la phénoménologie de Hegel. In: *Etudes Germaniques* 1 (1946), 131-141.
- ___ . Situation de l'homme dans la phénoménologie hegelienne. In: *Les temps modernes* 2 (1974), 1276-1289.
- ___ . Vie et prise de conscience de la vie dans la philosophie hegelienne à Iena. In: *Revue de Métaphysique et de Morale* 45 (1938), 45-61.
- ___ . Note sur la Préface de la Phénoménologie de l'Esprit et le Thème: L'Absolu est Subject. In: *Hegel-studien. Beiheft* 4 (1969), 75-80.
- Jaeschke, W. *Die Vernunft in der Religion. Studien zur Grundlegung der Religionsphilosophie Hegels*. Stuttgart-Bad Cannstatt: 1986. (Bes. 198-218: Die Religionsphilosophie als Moment der Phänomenologie des Geistes).
- Jamme, Ch. Platon, Hegel und der Mythos. Zu den Hintergründen eines Diktums aus der Vorrede zur ‘Phänomenologie des Geistes’. In: *Hegel-Studien* 15 (1980), 151-169.
- Janke, W. Herrschaft und Knechtschaft und der absolute Herr. In: *Philosophische Perspektiven* 4 (1972), 211-231.
- Jauß, H. R. Der dialogische und der dialektische ‘Neveu de Rameau’ oder: Wie Diderot Sokrates und Hegel Diderot rezipierte. In: *Das Gespräch*. Hrsg. v. K. –H. Stierle u. R. Warning. München: 1984, 393-419.
- ___ . Hegel's theory of aesthetics in the “Phenomenology”. In: *Idealistic Studies* 2 (1972), 81-94
- ___ . Recent Interpretations of Hegel's Phenomenology. In: *Hegel-Studien* 16 (1981), 245-251.
- Kainz, H. *Hegel's Phenomenology. Part I: Analysis and Comementary. Part II: The Evolution of Ethical and Religious Consciousness to the Absolute Standpoint*. London: 1976-1983.
- Lauer, Q. *A Reading of Hegel's Phenomenology of Spirit*. 2nd ed. Fordham: 1993.
- Kimmerle, G. *Sein und Selbst. Untersuchungen zur kategorialen Einheit von Vernunft und Geist in Hegels “Phänomenologie des Geistes”*. Bonn: 1978.
- Kojève, A. *Introduction à la lecture de Hegel. Leçons sur la Phénoménologie de l'Esprit professées de 1933 à 1939 à l'Ecole des Hautes-Etudes*. Reunis et publ. par R. Queneau. Paris: 1947.
- Krüger, G. Die dialektische Erfahrung des natürlichen Bewußtseins bei Hegel. In: *Hermeneutik und Dialektik*. Hrsg. v. R. Bubner, K. Cramer, R. Wiehl. Tübingen: 1970. Bd. 1, 285-303.
- Labarrière, P.-J. *Structures et mouvement dialectique dans la Phénoménologie de l'esprit de Hegel*. Paris: 1968.
- ___ . La phénoménologie de l'esprit comme discours systématique: histoire, religion et science. In: *Hegel-Studien* 9 (1974), 131-153.
- ___ . *La phénoménologie de l'esprit de Hegel. Introduction à une lecture*. Paris: 1979.
- Labarrière, P. et Jarczyk, G. Absolu/sujet. Le logique, le dialectique et le spéculatif. In: *Laval Théologique et Philosophique*, Volume 51, numéro 2 (juin 1995), 239-250.

- Lauer, J. *Reading of Hegel's "Phenomenology of spirit"*. New York: 1976.
- ___ . 'The Life of Consciousness and the World Come Alive': Nature and Self-Consciousness in Hegel's Phenomenology. In: *Hegel and Whitehead. Contemporary Perspectives on systematic Philosophy*. Hrsg. v. R. Lucas. New York: 1986, 186-206.
- Liebrucks, B. *Sprache und Bewußtsein. Bd. 5: Die zweite Revolution der Denkungsart. Hegel: Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt a.M.: 1970.
- Lim, S. *Der Begriff der Arbeit bei Hegel. Versuch einer Interpretation der "Phänomenologie des Geistes"*. Bonn: 1963.
- Lugarini, L. Sull'argomento della Fenomenologia dello spirito. In: *Pensiero* 15 (1970), 15-45.
- Marcuse, H. *Hegels Ontologie und die Theorie der Geschichtlichkeit*. Frankfurt a.M.: 1932. (Bes. 257-362: Leben als Seinsbegriff in der "Phänomenologie des Geistes").
- Mariani, L. Immediatezza, relazione, mediazione in Hegel. La "Fenomenologia". In: *Teoresi* 35 (1980), 49-84.
- Marotzki, W. Der Bildungsprozeß des Menschen in Hegels "Phänomenologie des Geistes". In: *Goethe Jahrbuch* 104 (1987), 128-156.
- Marx, W. *Hegels Phänomenologie des Geistes. Die Bestimmung ihrer Idee in "Vorrede" und "Einleitung"*. Frankfurt a.M.: 1971.
- ___ . Aufgabe und Methode der Philosophie in Schellings System des transzendentalen idealismus und in Hegels Phänomenologie des Geistes. In: Marx, W. *Schelling: Geschichte, System, Freiheit*. Freiburg: 1977, 63-99.
- ___ . *Das Selbstbewußtsein in Hegels Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt a.M.: 1986.
- Massolo, A. 'Entäußerung', 'Entfremdung' nella Fenomenologia dello Spirito. In: *Hegel-Studien. Beiheft* 4 (1969), 81-91.
- Maurer, R. *Hegel und das Ende der Geschichte. Interpretationen zur "Phänomenologie des Geistes"*. Stuttgart: 1965.
- Norman, R. *Hegel's Phenomenology. A philosophical introduction*. London: 1976.
- Nusser, K. Die Französische Revolution und Hegels Phänomenologie des Geistes. In: *Philosophisches Jahrbuch* 77 (1970), 276-296.
- ___ . *Hegels Dialektik und das Prinzip der Revolution*. München: 1973.
- Okrent, M. Consciousness and objective spirit in Hegel's 'Phenomenology'. In: *Journal of the History of Philosophy* 18 (1980), 39-55.
- Ottmann, H. *Das Scheitern einer Einleitung in Hegels Philosophie. Eine Analyse der Phänomenologie des Geistes*. München: 1973.
- ___ . Herr und Knecht bei Hegel. Bemerkungen zu einer mißverstandenen Dialektik. In: *Zeitschrift für philosophische Forschung* 35 (1981), 365-384.
- Pinkard, T. *Hegel's Phenomenology: The sociality of reason*. Cambridge: 1994.
- Pöggeler, O. *Hegels Idee einer Phänomenologie des Geistes*. Manchen: 1973.
- ___ . Selbstbewußtsein und Identität. In: *Hegel-Studien* 16 (1981), 189-217.
- ___ . Phénoménologie et logique selon Hegel. In: *Philosophie et Métaphysique*. Ed. par J. L. Marion et G. Planty Bonjour. Paris: 1984, 17-36.
- Puntel, X. Hegel heute. Zur "Phänomenologie des Geistes". In: *Philosophisches Jahrbuch* 80 (1973), 133-160.
- Riedel, M. *Hegel und die antike Dialektik*. Frankfurt/M. 1990.
- Scheier, C. *Analytischer Kommentar zu Hegels Phänomenologie des Geistes. Die Architektonik des erscheinenden Wissens*. München: 1980.

Schmitz, H. Der Gestaltbegriff in Hegels "Phänomenologie des Geistes" und seine geistesgeschichtliche Bedeutung. In: *Gestaltprobleme der Dichtung. Festschrift für Günter Müller*. Bonn: 1957, 315-334.

__. Die Vorbereitung von Hegels "Phänomenologie des Geistes" in seiner "Jenenser Logik". In: *Zeitschrift für philosophische Forschung* 14 (1960), 16-39.

__. Hegels Begriff der Erinnerung. In: *Archiv für Begriffsgeschichte* 9 (1964), 37-44.

Schöndorff, H. Anderswerden und Versöhnung Gottes in Hegels 'Phänomenologie des Geistes'. Ein Kommentar zum zweiten Teil von VII. C. 'Die offenbare Religion'. In: *Theologie und Philosophie*. Frankfurt a. M.: 1982, 550 - 567.

Schwarz, J. Die Vorbereitung der Phänomenologie des Geistes in Hegels Jenenser Systementwürfen. In: *Zeitschrift für deutsche Kulturphilosophie* 2 (1936), 127-195.

Seba, J. Histoire et fin de l'histoire dans la 'Phénoménologie de l'Esprit' de Hegel. In: *Revue de Métaphysique et de Morale* 85 (1980), 27-47.

Secrétan, P. Le Thème de la mort dans la "Phénoménologie de l'esprit" de Hegel. In: *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie* 23 (1976), 269-285.

Seibold, J. R. Pueblo y saber en la 'Fenomenología del Espíritu' de Hegel. In: *Stromata* 36 (1980). N. 3-4, 199-214.

Shklar, J. *Freedom and Independence. A Study of the Political Ideas of Hegel's "Phenomenology of Mind"*. London: 1976.

Siep, L. Der Kampf um Anerkennung. Zu Hegels Auseinandersetzung mit Hobbes in den Jenaer Schriften. In: *Hegel-Studien* 9 (1974). 155-207.

__. Zur Dialektik der Anerkennung bei Hegel. In: *Hegel-Jahrbuch* 1974. Köln 1975, 366-373.

Sobotka, M. Die Auffassung des Gegenstandes in Hegels "Phänomenologie des Geistes". In: *Wiener Jahrbuch für Philosophie* 8 (1975). 133-153.

Solomon, R. Hegel's Concept of "Geists". In: *Hegel – A Collection of Critical Essays*. Ed. by A. MacIntyre. New York: 1972, 125-149.

Solomon, R. *In the Spirit of Hegel: A Study of Hegel's Phenomenology of Spirit*. Oxford: 1983.

Stiehler, G. *Die Dialektik in Hegels "Phänomenologie des Geistes"*. Berlin: 1964.

Taylor, Ch. The opening arguments of the Phenomenology. In: *Hegel – A Collection of Critical Essays*. Ed. by A. MacIntyre. New York: 1972, 151-187.

Taylor, M. *Journeys to selfhood: Hegel and Kierkegaard*. Berkeley: 1980.

Toth, I. Die nicht-euklidische Geometrie in der Phänomenologie des Geistes. In: *Philosophie als Beziehungswissenschaft. Festschrift für Julius Schaaf*. Hrsg. v. W.F. Nebel u. D. Leisegang. Frankfurt a. M.. 1972, 3-92

Tommaso, G. Vita e lavoro nella sezione autoscienza della "Fenomenologia" hegeliana. In: *Pensiero* 20 (1975), 97-120.

__. Il Lavoro nella figura hegeliana della "Coscienza infelice". In: *Pensiero* 21 (1976), 55-80.

Valls Plana, R. *Del yo al nosotros. Lectura de la Fenomenología del Espíritu de Hegel*. Barcelona: 1971.

Vaught, C. Subject, Object and Representation. A critique of Hegel's Dialectic of Perception. In: *International Philosophical Quarterly* 26 (1986), 117-129.

Wahl, J. *Le malheur de la conscience dans la philosophie de Hegel*. Paris: 1929.

Westphal, M. *History and Truth in Hegel's "Phenomenology"*. New Jersey: 1979.

- Wiehl, R. Über den Sinn der sinnlichen Gewißheit in Hegels "Phänomenologie des Geistes". In: *Hegel-Tage Royaumont 1964. Hegel-Studien. Beiheft 3* (1966), 103-134.
- ___ . Phänomenologie und Dialektik. In: *Hegel-Studien. Beiheft 11* (1974), 623-634.
- ___ . Seele und Bewußtsein. Zum Zusammenhag von Hegels "Anthropologie" und "Phänomenologie des Geistes". In: *Der Idealismus und seine Gegenwart. Festschrift für Werner Marx zum 65. Geburtstag*. Hamburg: 1976, 424-451.
- Wolf-Gazo, E. Negation and Constrast: The Origins of Self-Consciousness in Hegel and Whitehead. In: *Hegel and Whitehead. Contemporary Perspectives on systematic Philosophy*. Hrsg. v. G. R. Lucas. New Cork: 1986, 207-218.
- Yon, E. D. Esthétique de la contemplation et esthétique de la transgression. A propos du passage de la religion au savoir absolu dans la "Phénoménologie de l'esprit" de Hegel. In: *Revue philosophique de Louvain 74* (1976), 549-570.

KEN WILBER

Literatura primária

The collected Works of Ken Wilber. Boston: 1998ss.

Literatura secundária

- Alexander, C. and Langer, E. (Eds.). *Higher stages of human development*. New York: 1990.
- Anthony, D., Ecker, B. and Wilber, K. *Spiritual choices*. New York: 1987.
- Arieti, S. *The intrapsychic self*. New York: 1967.
- Bateson, G. *Mind and nature*. New York: 1979.
- Berman, M. *Coming to our senses*. New York: 1989.
- Bull, N. *The moral judgment from childhood to adolescence*. Beverly Hills: 1969.
- Brown, D. A model for the levels of concentrative meditation. In: *International J. Clinical and Experimental Hypnosis 25*: 236-273.
- Bruner, J. *In search of mind*. New York: 1983.
- Carilho, M. *Rationalités. Les avatars de la raison dans la philosophie contemporaine*. Paris: 1997.
- Chalmers, D. The puzzle of conscious experience. *Scientific American*. December: 1995.
- Churchland, P. *Matter and consciousness*. Cambridge: 1984.
- Collins, A. *The nature of mental things*. Notre Dame, Ind.: 1987.
- Crittenden, J. *Beyond individualism*. Oxford: 1992.
- Damasio, A. *The feeling of what happens: body and emotion in the making of consciousness*. Harcourt Brace: 1999.
- Deikman, A. *The observing self*. Boston: 1982.
- Denett, D. *Consciousness explained*. Boston: 1991.
- Dumont, L. *Essais sur l'individualisme - Une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*. Paris: 1983.
- Edinger. *Ego and archetype*. Boston: 1992.
- Ehrenberg, A. *La fatigue d'etre soi*. Odile Jacob: 1998.
- Evans, D. *Spirituality and human nature*. Albany: 1993.

- Ferguson, K. *The man question: visions of subjectivity*. Berkeley: 1993.
- Feuerstein, G. *Structures of consciousness*. Lower Lake, Calif.: 1987.
- Fingarette, H. The ego and mystic selflessness. In: *Psychoanalytic Review* 45: 5-40.
- Flanagan, O. *The science of the mind*. Cambridge: 1984.
- Forman, R. (Ed.). *The problem of pure consciousness*. New York: 1990.
- Fowler, H. *Stages of faith: The psychology of human development and the quest for meaning*. San Francisco: 1981.
- Gardner, H. *The quest for mind*. New York: 1972.
- Gebser, H. *The ever-present origin*. Athens: 1985.
- Gergen, K. *The saturated self*. New York: 1991.
- Gilligan, C. *In a different voice*. Cambridge: 1982.
- Goleman, D. *The varieties of meditative experience*. New York: 1977.
- ___. *The meditative mind*. Los Angeles: 1988.
- Grof, S. *Realms of the human unconscious*. New York: 1975.
- ___. *Beyond the brain*. Albany: 1985.
- ___. *The adventure of self-discovery*. Albany: 1988.
- Hekman, S. *Moral voices, moral selves: Carol Gilligan and feminist moral theory*. Cambridge: 1995.
- Jackendoff, R. *Consciousness and the computational mind*. Cambridge: 1987.
- Jacobson, E. *The self and object world*. New York: 1964.
- Jain, E. Lebensphilosophie und west-östliche Mystik. In: Jain, E. und Margreiter, R. (Hrsg.). *Probleme philosophischer Mystik. Festschrift für Karl Albert*. Sankt Augustin: 1991.
- Jain, E. und Margreiter, R. (Hrsg.). *Probleme philosophischer Mystik. Festschrift für Karl Albert*. Sankt Augustin: 1991.
- Johnson, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: 1990.
- Joravsky, D. Body, mind and machine. *New York Review of Books*, Oct. 21, 1982.
- Kegan, R. *The evolving self*. Cambridge: 1982.
- ___. *In over our heads*. Cambridge: 1994.
- Kenneth, G. *The saturated self: dilemmas of identity in everyday life*. Basic Books: 1992
- Koestler, A. *The ghost in the machine*. New York: 1976.
- Kohlberg, L. *The meaning and measurement of moral development*. Clark University Press: 1980.
- ___. *Essays on moral development*. San Francisco: 1981. (Vol. 1).
- ___. *The philosophy of moral development*. San Francisco: 1981.
- Kohlberg, L. and Armon, C. Three types of stage models. In: Commons, M. et al. *Beyond formal operations*. New York: 1984.
- Kohlberg, L. et al. *Moral stages: a current formulation and response to critics*. Basel: 1983.
- Kohlberg, L. and Ryncarz, R. Beyond justice reasoning. In: Alexander, C. and Langer, E. (Eds.). *Higher stages of human development*. New York: 1990.
- Kohut, H. *The analysis of the self*. New York: 1971.
- Kramer, D. Post-formal operations? In: *Human Development*, 1983, 26, 91-105.
- ___. *The restoration of the self*. New York: 1977.
- Loevinger, J. *Paradigms of Personality*. New York: 1987.
- ___. *Ego development*. San Francisco: 1976.
- Loevinger et al. (Eds.) *Measuring ego development. Parts 1 & 2*. San Francisco: 1970.

- Lovejoy, A. *The great chain of being*. Cambridge: 1964.
- Lukacs, G. *The destruction of reason*. London: 1980.
- Maffesoli, M. *Eloge de la raison sensible*. Grasset: 1996.
- Mahler, M. *On human symbiosis and the vicissitudes of individuation*. New York: 1968.
- Mall, R. Philosophie als Denken- und Lebensweg. In: Jain, E. und Margreiter, R. (Hrsg.). *Probleme philosophischer Mystik. Festschrift für Karl Albert*. Sankt Augustin: 1991.
- Margreiter, R. Von der Metaphysik zur Mystik. Überlegungen mit und gegen Karl Albert. In: Jain, E. und Margreiter, R. (Hrsg.). *Probleme philosophischer Mystik. Festschrift für Karl Albert*. Sankt Augustin: 1991.
- Maslow, A. *Religions, values, and peak experiences*. New York: 1970.
- _____. *The farther reaches of human nature*. New York: 1971.
- Masterson, J. *The search for the real self*. New York: 1988.
- Mercier, A. Ecrire sur la mystique? Jain, E. und Margreiter, R. (Hrsg.). *Probleme philosophischer Mystik. Festschrift für Karl Albert*. Sankt Augustin: 1991.
- Modgil, S. and Modgil, C. *Lawrence Kohlberg: consensus and controversy*. Philadelphia: 1985.
- Murphy, M. *The future of the body*. Los Angeles: 1992.
- Neumann, E. *The origins and history of consciousness*. Princeton: 1954.
- Nucci, L. *Moral development and character education*. Berkeley: 1989.
- Lyons, J. *The invention of self*. Illinois: 1978.
- Mead, G. *Mind, self and society*. Chicago: 1934.
- Pascual-Leone, J. Reflections on life-span intelligence, consciousness, and ego development. In: Alexander, C. and Langer, E. (Eds.). *Higher stages of human development*. New York: 1990, 258-285.
- Popper, K. and Eccles, J. *The self and its brain*. London: 1983.
- Richards, F. and Commons, M. Postformal cognitive-developmental theory and research. In: Alexander, C. and Langer, E. (Eds.). *Higher stages of human development*. New York: 1990, 139-161.
- Ricouer, P. *Oneself as another*. Chicago: 1992.
- Rothberg, D. Contemporary epistemology and the study of mysticism. In: Forman, R. (Ed.). *The problem of pure consciousness*. New York: 1990.
- _____. The crisis of modernity and the emergence of socially engaged spirituality. In: *ReVision*, 1993, 15 (3): 105-115.
- Scherer, G. Die Welt als Grundverhältnis und die Grenzen der Mystik. In: Jain, E. und Margreiter, R. (Hrsg.). *Probleme philosophischer Mystik. Festschrift für Karl Albert*. Sankt Augustin: 1991.
- Schuon, F. *Logic and transcendence*. New York: 1975.
- Scott, A. *Stairway to the mind*. New York: 1995.
- Simondon, G. *l'Individu et sa genese physico-biologique*. Paris: 1964.
- Sinnot, J. Post-formal reasoning. In: Commons, M. et al. *Beyond formal operations*. New York: 1984.
- Smith, H. *Forgotten truth*. New York: 1976.
- Smuts, H. *Holism and evolution*. New York: 1926.
- Souvaine, E., Lahey, L., and Kegan, R. Life after formal operation. In: Alexander, C. and Langer, E. (Eds.). *Higher stages of human development*. New York: 1990, 229-257.
- Sternberg, R. (Ed.) *Wisdom: its nature, origins, and development*. New York: 1990.

- Spretnak, C. *States of grace: the recovery of meaning in the postmodern age*. San Francisco: 1991.
- Taylor, C. *Sources of the self*. Cambridge: 1989.
- Wade, J. *Changes of mind: a holonomic theory of the evolution of consciousness*. New York: 1996.
- Thomas, L., Brewer, S., Kraus, P. and Rosen, B. Two patterns of transcendence: An empirical examination of Wilber's and Washburn's theories. In: *Journal of Humanistic Psychology* 33(3): 66-82.
- Vaillant, G. *The wisdom of the ego*. Cambridge: 1993.
- Varela, F. *Principles of biological autonomy*. New York: 1979.
- Varela, F., Thompson, E., Rosch, E. *The embodied mind*. Cambridge: 1993.
- Vieillard-Baron, J.L. L'expérience philosophique fondamentale et la mystique chez Bergson et Lavelle. In: Jain, E. und Margreiter, R. (Hrsg.). *Probleme philosophischer Mystik. Festschrift für Karl Albert*. Sankt Augustin: 1991.
- Wallace, R. Physiological effects of transcendental meditation. In: *Science*, 167, 1751-1754.
- Walsh, R. Can western philosophers understand asian philosophies? In: *Crosscurrents* (34): 281-99.
- __. The spirit of evolution: a review of Ken Wilber's Sex, ecology, spirituality. In: *Noetics Sciences Review*, Summer 1995.
- Walsh, R. and Vaughan, F. *Paths beyond ego*. Los Angeles: 1993.
- Washburn, M. *The ego and the dynamic ground*. Albany: 1995.
- Watts, A. *The supreme identity*. New York: 1972.
- Wilber, K., Engler, J. and Brown, D. *Transformation of consciousness: Conventional and contemplative perspectives on development*. Boston: 1986.
- Zimmerman, M. *Eclipse of the self*. Athens: 1981.